

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**DOIS MEIOS, UMA MENSAGEM: UM ESTUDO  
COMPARATIVO ENTRE RÁDIO E TV  
DO GRUPO BANDEIRANTES**

**ISABELA CAETANO KUSCHNIR**

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**DOIS MEIOS, UMA MENSAGEM: UM ESTUDO  
COMPARATIVO ENTRE RÁDIO E TV  
DO GRUPO BANDEIRANTES**

Monografia submetida à Banca de Graduação como  
requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/ Jornalismo.

**ISABELA CAETANO KUSCHNIR**

**Orientador: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa**

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Dois Meios, uma Mensagem: Um estudo comparativo entre rádio e TV do Grupo Bandeirantes**, elaborada por Isabela Caetano Kuschnir.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 27 de maio de 2014.

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa  
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação .- UFRJ  
Departamento de Expressão e Linguagens – UFRJ

Prof. Dr. Fernando Antonio Mansur Barbosa  
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Expressão e Linguagens – UFRJ

Prof. Dr. Márcio Tavares D’Amaral  
Doutor em Letras pela Faculdade de Letras - UFRJ  
Departamento de Fundamentos da Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

## FICHA CATALOGRÁFICA

KUSCHNIR, Isabela Caetano.

Dois meios, uma mensagem: Um estudo comparativo entre rádio e TV do Grupo Bandeirantes. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação  
– ECO.

Orientador: Gabriel Collares Barbosa

## **DEDICATÓRIA**

A quatro brasileiros que viviam de contar histórias e morreram por elas, todos em fevereiro de 2014. Aos Santiagos, Pedros, Josés e Geolinos do Jornalismo.

## AGRADECIMENTOS

À filha de imigrantes criada em uma comunidade pobre na Baixada Fluminense, vinda de um lar despedaçado. À feirante que passava horas na boleia do caminhão para chegar ao colégio até passar no vestibular. Ao meu maior exemplo, minha mãe, **Cristina**.

Ao menino curioso e talentoso, artista reprimido e comediante inesperado. Ao amigo para todas as horas, que tem mil histórias para contar. Ao médico a quem tanta gente é grata. Ao meu herói, meu pai, **Fábio**.

À estudante mais focada e objetiva do Rio, dona do sorriso mais bonito e das respostas mais certeiras. A quem me conhece melhor que ninguém, minha irmã, **Renata**.

À mais velha de oito irmãos, que nunca pôde estudar. À semianalfabeta autodidata que criou uma família na base da sabedoria. À minha avó, **Clementina** (*in memoriam*).

À professora que ensina aos alunos como interpretar toda a arte do mundo. Àquela que mais estimulou a paixão pela literatura. À mestre **Irene Franco**.

Àquele primeiro a me ensinar sobre a linguagem da reportagem para o rádio. Ao meu orientador **Gabriel Collares**, pela dedicação e paciência.

Aos competentes jornalistas e solícitos **Ludmila Fróes**, **Mariana Procópio** e **Rodolfo Schneider**, por prontamente cederem as entrevistas que dão sentido a este trabalho.

Com carinho, aos mestres **Fernando Mansur** e **Marcio D'Amaral**, admirados por uma geração de estudantes da UFRJ e que gentilmente aceitaram compor a banca avaliadora deste trabalho.

KUSCHNIR, Isabela Caetano. **Dois meios, uma mensagem: Um estudo comparativo entre rádio e TV do Grupo Bandeirantes.** Orientador: Gabriel Collares Barbosa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## RESUMO

Este trabalho foca na linguagem dissertativa usada em duas diferentes mídias, o rádio e a televisão. Após fazer um passeio pela história dos veículos no Brasil, a proposta é analisar os mesmos fatos noticiados por dois veículos diferentes, porém pertencentes à mesma empresa – O Grupo Bandeirantes de Comunicação. A monografia estuda aspectos como a produção e a linguagem da “mesma” matéria veiculada pela rádio *BandNews* e pela *TV Bandeirantes*. Para isso, são abordados os bastidores das notícias, acompanhando o processo de produção do texto. O objetivo é buscar, primeiramente, identificar e comparar quais métodos jornalísticos são utilizados para passar, da melhor forma possível, a informação nos diferentes meios. Em segundo lugar, se no cotidiano das redações os jornalistas seguem os tradicionais manuais de redação de cada mídia ou não.

**Palavras-chave:** Linguagem, Radiojornalismo, Telejornalismo, *Band*.

# SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>2. “Outros tempos*”: A linguagem do radiojornalismo.....</b>	<b>4</b>
2.1 O radiojornalismo no Brasil.....	4
2.2 Manual de redação para o radiojornalismo.....	10
<b>3. “De olho na linguagem*” do telejornal.....</b>	<b>13</b>
3.1 O telejornalismo no Brasil.....	13
3.2 Manual de redação para o telejornalismo.....	18
<b>4. “Falando sério*” sobre o Grupo Bandeirantes de Comunicação.....</b>	<b>22</b>
4.1 A <i>BandNews Fluminense FM</i> .....	23
4.2 A <i>TV Band Rio</i> .....	25
<b>5. “Exercícios de estilo*”: Dois meios, uma mensagem.....</b>	<b>28</b>
5.1 O Caso Santiago.....	31
5.2 Protesto na Vila Kennedy.....	32
5.3 Prisão de traficante.....	34
5.4 Morte de moradora do Morro da Congonha.....	35
5.5 Posse do governador.....	37
<b>6. Conclusão.....</b>	<b>39</b>
<b>7. Referências Bibliográficas.....</b>	<b>42</b>
<b>8. Anexos</b>	

\*Parafrazeando os capítulos do livro “Comédias para se ler na escola”, de Luís Fernando Veríssimo.



## 1. Introdução

Rádio e televisão são duas das mídias mais populares do país. Por serem meios de comunicação de massa, possuem características em comum e um vem influenciando o outro, talvez, de forma mais intrínseca do que as demais. Seja por ambas atingirem o público pela audição, a estrutura das notícias tem aspectos em comum. Este foi o ponto de questionamento da autora, que começou a carreira na reportagem em 2012 na rádio *BandNews Fluminense FM* e vem observando a colaboração entre profissionais da rádio e da *TV Band Rio*, estes alocados no andar de cima da redação onde a autora trabalha. Após muitos “Me passa o seu texto?” e “Sobe lá na TV e recupera a sonora” entre os jornalistas dos dois veículos, surgiu a dúvida de que, talvez, as matérias finais fossem bem parecidas. Abrangendo a questão um pouco mais, cabem as dúvidas: o que faz um texto ser destinado ao rádio? E à televisão? Quais as diferenças e semelhanças entre as matérias de rádio e TV? Partindo também da vivência em uma empresa que não possui manual de redação próprio, surge a vontade de entender se o jornalista, no cotidiano, busca seguir ou não as recomendações de manuais para cada estilo. Para responder sobre quais as semelhanças e diferenças entre os textos das duas mídias, este trabalho utiliza como objeto de estudo a *BandNews FM* e a *TV Band Rio*, ambas emissoras pertencentes ao Grupo Bandeirantes de Comunicação (*Band*), e busca apresentar matérias sobre o mesmo assunto veiculadas nas duas mídias.

Em “Outros tempos”, este trabalho vai percorrer a história do radiojornalismo no Brasil, seguindo uma linha cronológica e ressaltando como as mudanças sociais e tecnológicas serviram de influência para a linguagem do radiojornalismo, até chegar nos atuais manuais de redação. Baseado em registros de época, levantados por autores como Mário Lago e Gisela Ortriwano, o trabalho vai buscar indicar os caminhos percorridos pelo rádio, partindo do encantamento inicial dessa mídia e da primitiva leitura de jornais impressos e chegando aos dias atuais, quando o ouvinte utiliza mídias sociais para enviar não só feedback, mas também conteúdo. Sem deixar de lado as mudanças de contexto político, o capítulo se propõe a mostrar qual a linguagem e o conteúdo que o ouvinte do radiojornalismo contemporâneo espera encontrar ao sintonizar o aparelho na sua estação de costume. Para isso, é utilizado também o parecer de Mariana Procópio, chefe de redação da *BandNews*, entrevistada exclusivamente

para este trabalho. A partir do momento que o passeio pelo passado da mídia for concluído, o capítulo se volta para o resumo dos principais pontos que compõem o texto do rádio, baseado em autores que têm experiência prática em radiojornalismo, como os brasileiros Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima e também o radiojornalista americano Jonathan Kern, autor do manual de redação da *National Public Radio*, uma das emissoras de maior tradição no mercado dos Estados Unidos.

Como o próprio nome já diz, “De olho na linguagem” tem o objetivo de abordar aspectos da estrutura da linguagem, dessa vez do telejornalismo, e listar características da mídia. O capítulo vai buscar seguir os moldes de “Outros tempos”, para haver um equilíbrio entre o conteúdo apresentado sobre os dois meios, o rádio e a TV, que devem ser tratados com a mesma importância. Para falar sobre a história do telejornalismo no Brasil, o trabalho cita os autores Guilherme Jorge Rezende, Aline Maia e Sérgio Euclides, além de Beatriz Becker, que fala, entre outros aspectos, sobre a relevância de características não-textuais na composição da notícia telejornalística. A história da TV no Brasil é abordada desde a década de 1950, passando pela Ditadura até chegar ao telejornal contemporâneo, um dos programas mais assistidos na mídia mais popular do país. O depoimento da chefe de reportagem da *TV Band Rio*, Ludmila Fróes, também será considerado na abordagem sobre o telejornal contemporâneo. Na segunda parte do capítulo, haverá um resumo de características que compõem um bom texto para a televisão, baseado no manual de Vera Íris Paternostro.

Uma vez abordadas a estrutura do radiojornalismo e do telejornalismo no Brasil, o estudo se volta para uma empresa específica, o Grupo Bandeirantes de Comunicação. Escolhido neste trabalho por fatores como importância no contexto midiático brasileiro e também conveniência – já que a autora trabalha como repórter atualmente na rádio *BandNews* -, o Grupo funciona em um mesmo prédio, na sede do Rio de Janeiro, que engloba várias emissoras de rádio e TV e até o impresso *Metro*. Em “Falando sério”, o trabalho vai procurar entender como é produzida a notícia que chega ao consumidor da rádio *BandNews Fluminense FM* e da *TV Band Rio*. Para isso, a autora vai utilizar depoimentos das chefias da *Band* - da rádio Mariana Procópio, da TV, Ludmila Fróes, e do jornalismo geral, Rodolfo Schneider. O capítulo se baseia também em estudo realizado por Pablo Ribeiro, repórter da *BandNews* e apresentador do *Jornal BandNews Rio 2ª Edição*. Além de mostrar esse olhar dos bastidores, o principal objetivo de “Falando sério” é entender o que se espera, tanto em linguagem como em

conteúdo, das matérias veiculadas pelo Grupo Bandeirantes de Comunicação, para a partir desse ponto, entender se as matérias recolhidas se adequam ou não aos valores empresariais e recomendações editoriais da *Band*.

Já que o trabalho pretende comparar rádio e TV, chega então o momento de reunir as informações sobre as duas mídias e colocá-las lado a lado. A primeira parte de “Exercícios de estilo” visa traçar um paralelo que explique as semelhanças e diferenças entre os meios de comunicação, apoiado na Pesquisa de Mídia de 2014, do Ministério de Comunicação Social, e nas entrevistas dos jornalistas da *Band*. Em seguida, serão apresentados 5 pares de textos que compõem as matérias, cada dupla composta por uma notícia de rádio e uma de TV que abordem o mesmo assunto. Para garantir que trata do mesmo assunto, o par foi recolhido no mesmo dia - entre fevereiro e abril de 2014, um par para cada dia útil da semana – e a autora buscou palavras-chave em comum nas duas matérias. Cada assunto será brevemente contextualizado e terá aspectos diferentes apresentados separadamente em subcapítulos. Há citações aos manuais de redação para cada mídia, que auxiliam a interpretação dos textos das notícias. A chefia da *Band* também deve ganhar espaço neste momento, comentando sobre a estrutura da linguagem feita por seus repórteres. Importante ressaltar que esta parte final do trabalho não optou por uma análise da recepção dessas notícias ao público. Como apenas os textos foram analisados, não foi levado em conta aspectos como tom de voz e postura dos repórteres que passaram a notícia. Baseada em manuais de redação, este trabalho se propõe a apresentar, justamente, semelhanças e diferenças entre a redação do rádio e da televisão.

Em suma, o objetivo do trabalho é buscar compreender as características que compõem o texto de cada mídia, utilizando exemplos práticos e avaliando novas tendências da estrutura, da linguagem, e brevemente do conteúdo. Para responder em que ponto as matérias veiculados no rádio são semelhantes às exibidas na TV, o trabalho coloca lado a lado notícias que efetivamente foram ao ar na *BandNews FM* e na *TV Band Rio*, mas não sem antes compreender os processos históricos, sociais e tecnológicos que transformaram os textos jornalísticos no que eles são hoje.

## 2. “Outros tempos”: A linguagem do radiojornalismo

O rádio é uma das mídias de comunicação que mais esteve presente na vida dos brasileiros ao longo do último século. Mesmo após mais de noventa anos passando por mudanças, o rádio continua popular. De acordo com pesquisa do Ibope, realizada a pedido da Secretaria de Comunicação Social, da Presidência da República, e divulgada em março de 2014, 61% dos brasileiros ouvem rádio e 50% dizem confiar sempre ou muitas vezes nas informações passadas por essa mídia.<sup>1</sup> Este capítulo se propõe a fazer passagens pela história do rádio no Brasil, que se confunde com a história do radiojornalismo, para entender como as mudanças de contexto afetam o que o ouvinte do século XXI espera da linguagem e do conteúdo do radiojornalismo atualmente.

### 2.1 O radiojornalismo no Brasil

A radiodifusão brasileira surgiu oficialmente como parte da comemoração dos 100 anos da Independência, em 7 de setembro de 1922. Desde a primeira transmissão, aspectos do jornalismo estiveram presentes na mídia, como o relato de eventos ou apenas informando sobre a existência deles (ORTRIWANO, 2002). A primeira transmissão, um discurso do então presidente Epitácio Pessoa feito no Rio de Janeiro, foi ouvido por oitenta aparelhos em Niterói, Petrópolis e até São Paulo. Não à toa o discurso do presidente foi o primeiro a entrar nas ondas do rádio brasileiro. O inédito grande alcance simultâneo e instantâneo fez do rádio a mídia preferida para discursos do governo para a população. Até hoje, diariamente, todas as estações AM e FM param suas programações para a transmissão obrigatória da *Voz do Brasil*, feita por agência de notícias do governo federal. Interessante notar que a primeira transmissão, o discurso de Epitácio Pessoa, foi feita no Theatro Municipal e os cronistas da época relataram que a ópera de Carlos Gomes, *O Guarani*, tocava ao fundo (ORTRIWANO, 2002). O brasileiro que ligar o rádio pontualmente às 19h de qualquer dia útil vai ouvir uma versão moderna, com guitarras elétricas, da mesma ópera: a abertura da *Voz do Brasil* é, há décadas, um trecho d’*O Guarani*. Esse detalhe indica como o rádio brasileiro tem características como

---

<sup>1</sup>O Globo, ‘Jornal, o veículo mais confiável para brasileiros’, 3a edição, publicado em 08/03/2014, p. 28.

a busca pelo tradicional e a abrangência nacional. Sobre a importância do rádio, a jornalista e professora de radiojornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Gisela Swetlana Ortriwano, diz que a mídia esteve presente nas principais mudanças políticas do Brasil no século XX e também no novo milênio.

O rádio participou de todos os movimentos da vida brasileira. Ajudou a derrubar a República Velha, participou da Revolução de 32, fez extensos noticiosos sobre a Segunda Guerra Mundial. Desempenhou importante papel no Golpe Militar de 64, participou ativamente da redemocratização da Nova República e, pouco depois, fez ecoar país afora o processo de *impeachment* de um presidente da República (...), na corrida presidencial de 2002, quando o povo depositou suas esperanças em um novo perfil administrativo, não foi diferente. (ORTRIWANO, 2002: 69)

Em 1923, ano seguinte à primeira transmissão, o antropólogo Edgard Roquette-Pinto, encantado pela nova tecnologia, desenvolveu a *Rádio Sociedade*, que, ainda que rústica, transmitia programação diariamente. Considerado o primeiro locutor e comentarista de rádio no Brasil, Roquette-Pinto criou o primeiro noticiário para a mídia radiofônica.

O *Jornal da Manhã* não era um simples noticioso, nem um modesto relato dos acontecimentos. Era o fato comentado, esmiuçado e interpretado com a autoridade do sábio. *Jornal da Manhã*, da *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, foi iniciativa jamais igualada. Por meio dele, o comentarista apreciava os acontecimentos nos noticiários dos jornais, lendo-lhes as manchetes e oferecendo um panorama inigualável de concisão, de realidade e de objetividade, como somente ele poderia fazê-lo. (LOPES *apud* ORTRIWANO, 2002: 71)

Durante os primeiros anos da radiodifusão no Brasil, o jornalismo dessa mídia não contava com repórteres, apenas com locutores. Por isso, grande parte dos noticiários era feita apenas a leitura, sem edição, de jornais impressos. Muitas vezes, inclusive, com “furos” do tipo “continua na página 2” ou “como observado na foto ao lado” (ORTRIWANO, 2002). Para evitar esse tipo de problema, começou a ser usada uma técnica de recortar os jornais e estruturar as notícias impressas de forma mais coerente.

O rádio começa a mostrar sua conotação mais popular e engajada politicamente com a Revolução de 1932. Um aspecto importante é a então parcialidade editorial de algumas rádios.

Em São Paulo, a *Rádio Record* chegou a bradar para o povo pegar armas e lutar por uma Carta Constitucionalista. O locutor César Ladeira ficou conhecido nessa época como “Locutor da Revolução” de forma inimaginável para os padrões de busca pela confiança dos ouvintes atuais: Os locutores da rádio se revezavam, mas todos se apresentavam com o nome de César Ladeira e imitavam o padrão de voz e o ritmo dele. O objetivo era confundir o ouvinte para passar a ideia de que o locutor, a “Voz da Revolução”, era onipresente e incansável (ORTRIWANO, 2002). Também em 1932, a *Rádio Record*, em associação com os *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, inaugurou um noticiário do estilo “jornal falado”, presente diariamente na programação.

Com Getúlio Vargas no poder, foi criada a *Rádio Nacional*, em 1936. A emissora só se firmaria como a melhor e maior rádio do país na década de 1940, após alguns anos de investimento de capital público. Como “empresa incorporada ao patrimônio da União”, a *Nacional* passou a transmitir o *Repórter Esso* e a *Hora do Brasil*, produzido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (ORTRIWANO, 2002). Esse programa sobreviveu a inúmeras mudanças de governantes e é atualmente conhecido como a já citada *Voz do Brasil*. A obrigatoriedade da transmissão da *Voz do Brasil* foi e é contestada por muitas emissoras de rádio, principalmente a partir da década de 1990. A *BandNews FM* luta há quatro anos na Justiça para a não transmissão do programa, pelo menos não em horário nobre, de acordo com a chefe de redação da rádio, Mariana Procópio, em entrevista a esta autora.

Apesar de o rádio ter se desenvolvido nas décadas de 1920 e 1930, apenas com a Segunda Guerra Mundial o jornalismo radiofônico passa por uma maior renovação tecnológica e ideológica. O rádio, por ser um veículo que leva informação instantaneamente a um grande público, passa a ser usado como arma estratégica. Segundo Ortriwano, “as orientações ideológicas e notícias do front precisavam ser divulgadas com a maior rapidez possível” (ORTRIWANO, 2002: 72). Outras mídias, como os jornais impressos e cinejornais não conseguiam transmitir informações em caráter de urgência. O já citado *Repórter Esso* surge nesse contexto, mais bem estruturado e com aspectos muitas vezes seguidos até hoje por noticiários de rádio: um jornalismo sucinto, vibrante, com tempo exato de duração, vinheta e pontualidade (LOPES *apud* ORTRIWANO, 2002). Observa-se aí a influência tanto ideológica quanto formal do jornalismo norte-americano na programação do rádio no país, já que quem produzia o *Repórter Esso* era a agência americana *McCann Erickson*, e não a *Rádio Nacional*.

O programa foi ao ar até 1968 e durante a maior parte desses anos foi referência em credibilidade. O radialista e ator Mário Lago, em seu livro autobiográfico *Bagaço de Beira-Estrada*, falou sobre a hegemonia e popularidade do programa: “quando outra emissora dava uma notícia, se o *Esso* não confirmasse era como se não tivesse havido essa notícia (...) Tem jeito não, ainda não apareceu nada para se comparar à importância que tinha o *Repórter Esso*” (LAGO *apud* ORTRIWANO, 2002: 74).

Após a Segunda Guerra Mundial, a *Rádio Nacional* foi também a pioneira para a consolidação de uma equipe de jornalismo radiofônico. Até então formadas por locutores e comentaristas, que ainda liam as notícias de impressos, essas equipes ganham um espaço para a redação, com chefe, redatores e colaboradores. Estabeleceu-se uma rotina de redação, assim como a hierarquia típica desse ambiente de trabalho (MOREIRA *apud* ORTRIWANO, 2008). Essa hierarquia é seguida atualmente, em maior escala, pelas principais rádios jornalísticas do Brasil.

A partir dos anos 1950, a televisão ganha popularidade e traz novos desafios para o radiojornalismo. Com o advento do uso de imagens, patrocinadores, profissionais e audiência do rádio migram para a TV, que conseguiu rapidamente papel de destaque entre os meios de comunicação no Brasil. Até hoje a TV tem mais audiência e recursos do que o rádio. De acordo com a já citada pesquisa do Ibope de março de 2014, 97% dos brasileiros afirmam assistir TV, contra 61% que ouvem rádio. Não conseguindo competir com a nova mídia no horário da noite, o rádio investe em programação para o período matutino.

Terminada a *fase de ouro*, o rádio encontra na eletrônica seu maior aliado. Uma série de inovações tecnológicas são especialmente favoráveis ao renascimento do rádio e à transmissão jornalística. Entre elas, o gravador magnético, o transistor, a frequência modulada e as unidades móveis de transmissão (ORTRIWANO, 2002: 76)

O gravador magnético permitiu a edição de trechos, além de baratear o custo da produção radiofônica, já que agora era possível gravar programas e passá-los novamente. A edição também permitiu o uso de uma linguagem menos improvisada e de caráter mais profissional. Outra tecnologia que mudou o aspecto do radiojornalismo foi a exploração da frequência modulada (FM), que surgiu nos anos 50, mas passou a ser usada em larga escala no Brasil a partir da década de 1970. Havia um interesse ideológico por trás do investimento na

FM, por exemplo, explorar o consumo de músicas, principalmente de origem norte-americana, e relegar a segundo plano as rádios de notícia, em AM. Com essa inovação, o rádio ganha uma vantagem em relação à televisão: o aspecto local (ORTRIWANO, 2002). Além de melhor qualidade de som, a FM também tem custo menor do que a AM, o que possibilitou o surgimento de várias novas emissoras de rádio. Essas emissoras passaram cada vez mais a se especializar em determinados assuntos e foi observada, mais claramente a partir da década de 1980, uma segmentação da audiência. Atualmente, a maior difusão de televisões digitais abre faixas nas FMs, por isso, existe um projeto no Governo Federal para que as rádios AM migrem para as FMs, colocando um ponto final nos chiados e interferências, típicas da AM. Com a migração de um sistema para o outro, o governo prevê uma audiência maior, além do aumento da audiência e o fortalecimento comercial e financeiro da mídia.<sup>2</sup>

O processo de especialização se focou em tópicos como jornalismo, música, prestação de serviços e esportes, principalmente. É possível observar essa tendência de foco em apenas um gênero e estilo de público nos dias de hoje. “Em algumas emissoras a especialização foi tão radical que os programas de curta ou média duração foram praticamente abolidos, havendo quase que um só programa durante as 24 horas do dia, dirigido rigorosamente a um só segmento do público” (ORTRIWANO, 2002: 76). A *BandNews FM Rio*, por exemplo, reveza noticiários locais e nacionais, de 20 em 20 minutos ao longo do dia, além de quatro maiores jornais, de manhã, tarde e dois à noite. Ou seja, na maioria do tempo, o ouvinte que sintoniza em 94,9 FM vai ouvir alguma informação jornalística, de acordo com Mariana Procópio.

Nos anos 1990, influenciado ainda pelo jornalismo norte-americano, o rádio brasileiro ganha emissoras dos gêneros *all news* e *talk & news*. Este último se baseia em vários estilos de jornalismo, como noticiários, entrevistas, comentários e análises. As divulgações de serviços de interesse público, também chamadas de prestação de serviços, tiveram origem no país no final da década de 1950, mas ganharam ainda mais força nos últimos anos por causa da busca – não só do rádio, mas também da maioria dos meios de comunicação – por uma maior interatividade com o espectador. No início do gênero, eram comuns notas sobre achados e perdidos, por exemplo (ORTRIWANO, 2002). Atualmente, a maioria das emissoras de rádio passa informações sobre o trânsito – a tecnologia da instalação de rádio em automóveis,

---

<sup>2</sup> O Globo, ‘Transferência do sistema de rádio de AM para FM vai começar até dezembro’, 2a edição, publicado em 13/03/2014, p. 21.



popular nos últimos anos, difundiu os boletins de trânsito -, condições dos aeroportos, transporte público, entre outras, na busca da proximidade com os ouvintes, usando muitas vezes depoimentos dos próprios espectadores. Segundo Mariana Procópio, “o ouvinte busca ser amparado de alguma forma ali. (O rádio) é um amigo, não é só um veículo onde ele ouve a informação, é o cara que conversa com ele” (PROCÓPIO, 2014)<sup>3</sup>. A instantaneidade, ainda vantagem do rádio em relação à TV e ao impresso, ajuda nessa interatividade. O uso de uma linguagem mais informal, como se o locutor estivesse conversando diretamente com o ouvinte, é uma estratégia utilizada para atingir um grau de fidelidade do público alvo, que já foi segmentado pelo tipo de programação da emissora. Ainda na busca pela proximidade com o espectador, parte das rádios jornalísticas possui telefones para atendimento aos ouvintes, que são convidados a passar suas informações. Atualmente, também são usados e-mails e redes sociais para fazer a conexão direta entre os ouvintes e a redação. Sobre essa nova era, Ortriwano afirma que “interatividade é o que o rádio, finalmente, promete: ao destinatário caberá também o papel de emissor, estabelecendo um fluxo de informação com duas mãos de direção: a tecnologia forçando o diálogo real entre emissor e receptor” (ORTRIWANO, 2002: 82).

Em conclusão, a linguagem do rádio no Brasil passou de uma simples leitura dos jornais impressos para uma mais engajada, rápida e preocupada com aspectos como a busca pelo alto grau de conexão entre os ouvintes e os jornalistas. O surgimento de novas tecnologias possibilitou esse desenvolvimento para a mídia do radiojornalismo, desde a popularização da TV, que trouxe novos desafios ao rádio, até a internet, que possibilita contatos rápidos tanto entre público-redação quanto fontes oficiais-redação. O radiojornalismo atual encontrou em segmentos específicos seu público fiel e sobrevive com ainda grande audiência entre os brasileiros, sempre utilizando uma linguagem menos rebuscada e mais oral, buscando fazer com que os ouvintes tenham uma noção de pertencimento aos noticiários. Existe também um foco na prestação de serviços, diferente da maior parte das demais mídias.

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida à autora.

## 2.2 Manual de redação para o radiojornalismo

*Mesmo uma simples história de rádio pode ser mais poderosa que a maioria dos artigos de jornal. (Kern, 2008)<sup>4</sup>*

Após sair da singela leitura de impressos, passando por uma fase de ouro e finalmente conquistando o título de segunda mídia mais presente na vida dos brasileiros, o rádio tem o desafio de informar um público segmentado e de interagir com esse público. Para atingir esse objetivo, existem estratégias linguísticas que foram sendo desenvolvidas junto com o próprio rádio. Este subcapítulo se propõe a descrever os principais recursos utilizados pelos radiojornalistas para produzir o texto que vai para o ar. Como rádio brasileiro foi influenciado pela mídia norte-americana, é interessante analisar o reconhecido e recente guia de redação da *National Public Radio*, escrito pelo jornalista Jonathan Kern em 2008. Porém, existem particularidades aplicadas à realidade brasileira, que também serão consideradas, com base no *Manual de Radiojornalismo* de Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima.

Enquanto o redator de impresso trabalha com o número de páginas, o radiojornalista tem de se preocupar com o tempo (KERN, 2008). Um aspecto que deve ser levado em consideração é que muitas vezes o ouvinte está realizando outras tarefas enquanto ouve ao noticiário. Por isso, existem formas de captar a atenção do espectador para que ele se sinta bem informado mesmo que não esteja dedicando atenção exclusivamente ao rádio. Uma das estratégias é “contar a história da forma que contaria para o seu amigo” (KERN: 488)<sup>5</sup>, ou seja, usar uma linguagem informal, dinâmica e relaxada. Frases curtas e declarativas, seguindo a estrutura sujeito, verbo e predicado, também são preferidas a estruturas grandes, justamente para captar a atenção do ouvinte. Assim, é possível que ele entenda a informação mesmo que tenha começado a prestar mais atenção a partir da segunda ou terceira frase. De acordo com o manual da *NPR*, nenhuma frase do texto radiojornalístico deve conter mais de vinte e cinco palavras e muitas devem ter menos de quinze.

---

<sup>4</sup> Tradução da autora. Trecho original: “Even a straightforward radio story can be more powerful than most newspaper articles”.

<sup>5</sup> Tradução da autora. Trecho original: “Tell the story the way you’d tell it to your friend”.

Ainda enfatizando a questão do tempo, é interessante para as emissoras que o ouvinte tenha a noção de como a informação é recente, já que o rádio tem o diferencial da instaneidade. O uso de verbos no presente, portanto, é um recurso a ser utilizado. Um tom mais “manchetado” pode atrair mais a atenção do espectador (KERN, 2008). Por exemplo, “Presidente diz que vai renunciar” passa uma noção de mais imediatismo do que “O presidente disse que vai renunciar”.

Considerando que “a única forma de alcançar o espectador do rádio é pela audição” (BARBEIRO & LIMA, 2003: 25), o radiojornalista deve se preocupar com a forma que escreve sobre números. É sempre preferível arredondar quantias altas ou aplicar o valor à realidade do ouvinte. Por exemplo, é mais eficaz ao invés de dizer “A prefeitura reduziu em 139,46 milhões de reais a verba para a educação” falar “A prefeitura reduziu a verba para a educação em cerca de 140 milhões de reais. O valor representa menos 55 reais por aluno”. Ainda de acordo com Kern, “todas as frases devem ser claramente comunicadas para que o jornalista não perca o ouvinte enquanto a história progride” (KERN, 2008:48)<sup>6</sup>.

O jornalista que escreve para o rádio deve ter em mente que o ouvinte está consumindo aquela informação uma única vez, não existe a possibilidade, como nos jornais, de voltar e reler uma frase mal-compreendida. Também não é possível ilustrar a informação com gráficos, tabelas e vídeos. Por esses motivos, é importante informar o título ou descrição do personagem antes do nome. Por exemplo, a informação “Cláudia Ferreira, 38 anos, mãe de quatro filhos, morreu neste domingo. Ela era moradora do Morro da Congonha e foi atingida por uma bala perdida” está completa, mas não faz o ouvinte entender logo de cara de quem se trata. É preferível usar a estrutura “Uma moradora morreu após ser atingida por uma bala perdida no Morro da Congonha neste domingo. Cláudia Ferreira tinha 38 anos e deixa quatro filhos.” Ainda para evitar confusão, os manuais de redação pedem que pronomes sejam evitados, até porque não são típicos da linguagem oral cotidiana, que o rádio prima em busca da aproximação com os ouvintes.

O uso de uma linguagem descritiva é importante apenas para o ouvinte conseguir “visualizar” a informação e o contexto, mas o redator deve prestar atenção para não extrapolar e qualificar muito os personagens e situações, a fim de manter a imparcialidade e também a

---

<sup>6</sup> Tradução da autora. Trecho original: “All sentences should be clearly communicated so that the journalist does not lose the listener as the story progresses”.

objetividade, típicas do texto radiojornalístico. De acordo com Mariana Procópio, “o rádio tem que ser descritivo, pela sua essência. Você tem que descrever o que o repórter está vivendo porque o repórter é o olho do ouvinte” (PROCÓPIO, 2014).

Para além da análise meramente textual, tom de voz e carisma – vinculado à credibilidade - do radiojornalista são aspectos importantes para prender a atenção do ouvinte. A questão não é simplesmente a sonoridade da voz do jornalista. Para Kern, “a não ser que você tenha algum problema de fala ou uma voz excepcionalmente desagradável, você pode estar no rádio” (KERN, 2008: 132)<sup>7</sup>. Portanto, existe um treinamento para a locução radiofônica e a grande maioria das pessoas está apta a fazê-lo. Mariana Procópio explica que os jornalistas interessados em uma vaga na *BandNews* passam por um teste de voz para avaliar desinibição e eloquência.

Em conclusão, o rádio busca na linguagem coloquial a aproximação com o ouvinte. Contar a história como se estivesse conversando com um amigo é uma forma de estabelecer essa ligação. Outro aspecto a ser levado em conta na hora de redigir o texto do radiojornal é o uso de frases curtas e objetivas, já que muitas vezes o espectador está fazendo outras coisas – por exemplo, dirigindo – enquanto ouve as informações. De acordo com os manuais de redação brasileiro e norte-americano, os personagens devem ser qualificados antes de nomeados e os números, arredondados, lembrando que a única forma de alcançar o ouvinte é através da audição.

---

<sup>7</sup> Tradução da autora. Trecho original: “unless you have a speech impediment or an unusually harsh voice, you can probably be on the radio”

### 3. “De olho na linguagem” do telejornal

Para entender como funciona a linguagem do telejornalismo nos dias atuais, é interessante começar com uma breve retrospectiva do jornalismo para TV no Brasil. Este capítulo pretende destacar como recursos e influências foram mudando ao longo do tempo. Essa ênfase, porém, não deve ofuscar outros pontos importantes, como mudanças políticas e tecnológicas, que também ajudaram na formação do telejornal como ele é hoje. O objetivo é entender como foram desenvolvidos a linguagem e o formato telejornalísticos usados na *TV Band Rio*, entre outras emissoras.

#### 3.1 O telejornalismo no Brasil

O primeiro telejornal do Brasil foi ao ar em 1950, pela pioneira *TV Tupi* (REZENDE, 2000). O *Imagens do Dia* tinha muitas diferenças em relação aos atuais noticiários de TV, desde a estrutura dos bastidores até as notícias. A pequena equipe era formada por um redator, que também era o apresentador, dois cinegrafistas e um produtor. O conteúdo era formado basicamente por “uma sequência de filmes dos últimos acontecimentos locais” (SAMPAIO *apud* REZENDE, 2000: 106). Em 1953, surgiu o *Repórter Esso*, que por muitos anos foi exibido em horário nobre.

Um dos aspectos desses primeiros telejornais é a baixa qualidade técnica. De acordo com Rezende, na obra *Telejornalismo no Brasil*, era comum haver falhas tanto dos profissionais quanto dos equipamentos. Entre os motivos, estaria a inexperiência dos primeiros telejornalistas e produtores, muitos vindos de emissoras de rádio. Outra explicação seria o fato de os profissionais terem de lidar com “grandes deficiências técnicas” (REZENDE, 2000: 106). Apesar das falhas, o baixo acesso da população brasileira a televisores fez com que a repercussão destas fosse muito limitada. Na época, possuir um aparelho de TV representava *status*, um privilégio dedicado a uma pequena parcela dos brasileiros.

Principalmente nestes primeiros telejornais, é fácil notar semelhanças entre a linguagem radiofônica e a linguagem televisiva. Além do já citado uso de profissionais provenientes do rádio, a TV na década de 1950 baseava mais as notícias com falas dos apresentadores e não nas imagens. Isso seria reflexo da falta de recursos desses telejornais

pioneiros, já que coberturas externas exigem mais dinheiro e tecnologia (REZENDE, 2000). O fato de a câmera de filmar de 16mm, utilizada nos primórdios da TV, não permitir gravação de som direto não impediu que os apresentadores tivessem um estilo forte e vibrante, típico da locução do rádio (LEANDRO E COSTA *apud* REZENDE, 2000). Além dessas questões, os telejornais ainda passavam por outra dificuldade: a lentidão para revelar e montar os filmes. Isso fazia com que as imagens fossem divulgadas até doze horas após as filmagens, o que fazia o espectador preferir ouvir notícias pela rádio. A instantaneidade da divulgação de informações, até hoje, pode ser considerada uma vantagem do rádio em relação a TV.

Outro aspecto interessante é, à época, a “subordinação total dos programas aos interesses e estratégias dos patrocinadores” (PRIOLLI *apud* REZENDE, 2000: 107). Apesar da interferência no desenvolvimento das linhas editoriais, os patrocínios ajudaram a alavancar a produção telejornalística do Brasil. Na década de 1960, a injeção de recursos e a chegada da tecnologia do videoteipe permitiram o aumento do uso de imagens nos noticiários (REZENDE, 2000). Ao mesmo tempo, a população começou a ter mais acesso aos televisores.

Ainda segundo Rezende, a ditadura foi uma época crucial para o desenvolvimento de uma linguagem jornalística própria da TV. Os avanços tecnológicos, como o já citado videoteipe e aparelhos mais ágeis, sozinhos, não transformaram muito a linguagem do telejornalismo, que ainda sofria grandes influências do rádio. Para Rezende, os grandes marcos para uma nova fase do telejornalismo brasileiro foi o fim do *Repórter Esso* e o surgimento do *Jornal Nacional*, da Globo. Citando Priolli, “espelho cor-de-rosa do regime militar, a televisão brasileira não nasceu e nem morreu com ele, mas lhe deve a potência que é hoje” (PRIOLLI *apud* REZENDE, 2000). Para além da discussão política sobre afinidades ideológicas entre o *JN* e o regime militar, o noticiário primava pela qualidade técnica, já que a qualidade do conteúdo estava sob interferência da censura. Um telejornalismo preocupado com formato e visual, como o que se prima hoje em dia, seria herança do *Jornal Nacional* (REZENDE, 2000).

Ainda no contexto da década de 1960, um episódio interessante mostra uma primeira tendência na TV brasileira a mostrar questões voltadas para a realidade popular, buscando temas que tinham ligação direta com o público. Esse tipo de conteúdo muitas vezes almejado até hoje por rádios, como a *BandNews FM*, e TVs. *A Hora da Notícia*, da *TV Cultura*, “não tinha grande preocupação com a forma ou obedecia um padrão específico” (CARVALHO

*apud* REZENDE, 2000: 110), mas dava espaço aos depoimentos da população e tentava mostrar a realidade brasileira. Num contexto de ditadura, apesar do sucesso de audiência, o programa não conseguiu manter por muito tempo essa linha editorial. Porém, o programa influenciou o surgimento de outros, como o *Os Titulares da Notícia*, da *TV Bandeirantes*, que será citado no capítulo 4 deste estudo.

Os anos seguintes ao surgimento do *Jornal Nacional* foram marcados pelo aprimoramento técnico, o aperfeiçoamento dos programas telejornalísticos. Um padrão mais rigoroso, marcado pelo uso de cenários de boa qualidade, locutores experientes e equipamentos novos, foi importante para o desenvolvimento de um ritmo diferente às notícias veiculadas na TV. Um maior equilíbrio entre texto – ágil e “manchetado” – e imagens – de boa qualidade – é algo buscado até hoje pelos telejornais brasileiros (REZENDE, 2000). O objetivo é deixar o espectador com a impressão de que foi bem informado - as imagens ajudam a dar maior credibilidade à notícia – e de forma rápida.

Com o afrouxamento das amarras da censura, os telejornais passaram, aos poucos, a buscar qualidade também no conteúdo. Programas de debate e entrevista, que também se enquadram no gênero telejornalístico, ganharam popularidade a partir da década de 1980. Um tom mais crítico foi desenvolvido enquanto os profissionais aprendiam e se especializavam em exercer um jornalismo mais opinativo (REZENDE, 2000). Nessa época, comentaristas ganharam espaço na grade do telejornal. Ainda nessa década, mudanças políticas marcaram a história do telejornalismo e a busca por credibilidade e qualidade no conteúdo se mostrou ainda mais necessária diante de um público mais crítico e livre. Um exemplo foi a campanha “Diretas Já”, noticiada pelas principais emissoras como uma celebração do aniversário de São Paulo, de acordo com Rezende (2000). O autor ainda afirma que a única exceção foi a *TV Cultura*, que realizou a cobertura direta do comício.

Uma ressalva interessante é que a *Globo* contesta a afirmação de estudiosos e do público e nega ter noticiado um caráter distorcido das “Diretas Já”. No livro “*Jornal Nacional – a notícia faz história*”, publicado em comemoração aos 35 anos do *JN*, a *Globo* afirma que informou sobre o objetivo político e que o mal-entendido aconteceu por causa da chamada da matéria, e não por causa da matéria em si.

A origem da confusão foi a escalada do *Jornal Nacional*. Nela, não há referência ao comício, mas apenas ao aniversário da cidade. “A cidade de São Paulo festeja os 430 anos de fundação”. A chamada da matéria, lida pelo apresentador Marcos Hummel, referia-se ao comício como um dos eventos comemorativos do aniversário da capital paulista. De fato, havia a relação entre a manifestação e o aniversário da cidade. O comício tinha sido marcado para o dia 25 de janeiro justamente porque, sendo aniversário da cidade, a participação popular seria facilitada. O locutor leu a chamada: “Festa em São Paulo. A cidade comemorou seus 430 anos com mais de 500 solenidades. A maior foi um comício na praça da Sé”. E, em seguida, a reportagem de Ernesto Paglia relatou com todas as letras o objetivo político do evento: pedir eleições diretas para presidente da República. (MEMÓRIA GLOBO, 2004: 157)

Por mais que este capítulo sobre o telejornalismo no Brasil se proponha a fazer um passeio pela história do telejornalismo no Brasil, buscando entender como e porquê a linguagem telejornalística foi mudando ao longo do tempo, é interessante notar um dos aspectos do jornalismo em áudio e vídeo: A audiência começa a consumir a informação antes mesmo de a matéria começar a rodar. As manchetes e chamadas já fazem parte da notícia e mostram o provável foco que a emissora vai dar àquele assunto. Não é à toa que Rezende e outros críticos entendam que a *Rede Globo* não mencionou o caráter político do comício. Se a chamada menciona apenas “comemoração ao aniversário de São Paulo”, o espectador não espera uma matéria sobre manifestação por mudanças políticas.

A década de 1990 foi marcada pelo crescimento de outras emissoras que chegaram a fazer frente à hegemonia do jornalismo da *Globo*, como o *SBT* e a *TV Manchete* (REZENDE, 2000). O telejornalismo foi se centrando na valorização do trabalho do jornalista, que assumiu o papel do apresentador de notícias. Muitas emissoras se basearam no fato de que a credibilidade das notícias estaria vinculada à competência do apresentador do telejornal. De acordo com Rezende (2000), o apresentador assumir também papéis de editor e repórter demonstrava para o público como aquele profissional era amplamente qualificado para passar informações com propriedade. Tanto por esse motivo tanto pelo corte de gastos, esse acúmulo de funções é presente em redações até hoje, segundo Ludmila Fróes, chefe de redação da *TV Band Rio*, em entrevista concedida a esta autora. O surgimento de canais de televisão por assinatura trouxe novos desafios ao meio e o desenvolvimentos de algumas emissoras all



news, algo até então não explorado no Brasil. Para teóricos, a nova fase representou perda de qualidade para a TV aberta.

Ainda que as pessoas se aproximem para discutir conteúdos da televisão, elas não interagem como se havia pensado: o problema está na economia e política da televisão. No caso da realidade brasileira, o advento da TV por assinatura trouxe uma queda substancial da qualidade estética das formas e conteúdos da TV aberta. (EUCLÍDES *apud* DUARTE, 2009: 33)

O novo milênio trouxe outra aspiração para os telejornais: a busca pelo contato com o público. A linguagem televisiva passou a ganhar um apelo mais pessoal e afetivo, tendo como meta a proximidade com o espectador (MAIA, 2011)<sup>8</sup>. Semelhante ao que acontecia na TV Cultura na década de 1960, atualmente é interessante falar sobre questões populares para o público. Existe também a busca pela construção de uma relação de identidade com a audiência. Citando Beatriz Becker, “apesar dos jornalistas assumirem que produzem mensagens para o seu público, desconhecem este público. Os telespectadores são sujeitos imaginários” (BECKER, 2004:25). Mesmo não sendo fácil entender quem é necessariamente a audiência, existe uma tendência à interatividade do telejornal com seus espectadores. Mensagens como “mande o seu vídeo”, “envie sua pergunta” e “veja em nosso site” foram se tornando cada vez mais frequentes (MAIA, 2011). Assim como as TVs, parte das rádios jornalísticas busca dar voz aos ouvintes, usando mensagens como “envie informações pelo nosso *Twitter*” e “ligue para a redação”. Importante ressaltar que esse tipo de conexão também só é possível por causa de avanços tecnológicos, como telefones móveis com câmeras acopladas e o maior alcance da internet. Outro aspecto que mostra a proximidade com o público é o uso de uma linguagem mais similar à narrativa – apelativa e emotiva - do que os outros gêneros jornalísticos.

Entender os contextos nos quais as mudanças da linguagem do telejornalismo surgiram no Brasil é um dos caminhos para considerar o que se espera dessa linguagem nos dias atuais. Ao longo do capítulo, foram destacados alguns aspectos comuns entre o jornalismo para rádio e para TV, mas o foco foi descrever como os recursos e influências, que mudaram ao longo do

---

<sup>8</sup>Disponível em [http://analisedetelejournalismo.files.wordpress.com/2011/08/maia\\_aline.pdf](http://analisedetelejournalismo.files.wordpress.com/2011/08/maia_aline.pdf). Acessado em 16 de fevereiro de 2014.

tempo, transformaram a linguagem do telejornalismo como ela é hoje. Foram apresentados, majoritariamente em ordem cronológica, aspectos como a influência pela locução radiofônica e, após injeção de recursos e censura à informação, a primazia pela qualidade no formato. Programas opinativos e a busca pela qualidade no conteúdo conquistaram espaço enquanto o Brasil vivenciava uma abertura política. Um clima de maior competitividade pela audiência trouxe novidades como a aposta na credibilidade do apresentador do telejornal, com o aumento do acúmulo de funções do jornalista. Finalmente, acompanhado de avanços tecnológicos como a dispersão da internet, o telejornalismo partiu em busca da proximidade com o espectador, ganhando espaço na era da interatividade. Espera-se que o telejornal tenha qualidade técnica, formal e de conteúdo. Observou-se também a tendência para uma linguagem mais pessoal e apelativa. O telejornalismo no Brasil atual foi construído com esses aspectos que surgiram ao longo do tempo.

### 3.2 Manual de redação para o telejornalismo

Forma bem definida, uso de equipamentos avançados e busca por uma linguagem que traga aproximação com o espectador, sem esquecer da qualidade no conteúdo. Após várias mudanças históricas e tecnológicas, são essas características que se espera do telejornalismo atualmente. Parte importante para atingir esse padrão de qualidade é o conhecimento sobre redação para o jornalismo na TV. Este subcapítulo se propõe a ressaltar os principais pontos para redigir o texto nessa mídia, além da importância dos aspectos não-verbais, baseado em autores como Vera Íris Paternostro e Beatriz Becker. O objetivo é estabelecer os fundamentos do que se espera da linguagem do telejornalismo de acordo com os manuais de redação.

Antes de descrever os recursos textuais para fazer um bom noticiário televisivo, é importante, primeiramente, entender a grande vantagem da TV em relação ao rádio e ao jornal: o uso da imagem, que, de acordo com o ditado popular, vale mais do que mil palavras (PATERNOSTRO, 1987). Um dos desafios para o telejornalista é estabelecer a relação entre o texto e as imagens em movimento que, por si só, já possuem grande carga informativa e emocional. O redator da TV deve evitar frases de efeito, já que as imagens costumam causar muito mais impacto no telespectador, de acordo com o *Manual de Telejornalismo* de Paternostro.

Seguindo a lógica da procura pela proximidade emocional com o espectador, é importante que a linguagem do noticiário não seja muito rebuscada, mas sim coloquial. Como já destacado anteriormente, a adequação do conteúdo ao repertório vocabular dos telespectadores é uma das características buscadas pelos noticiários. Portanto, o uso de linguagem clara e objetiva é um dos recursos da linguagem do telejornalista. O público da TV quer ter a noção de que foi bem e rapidamente informado (REZENDE, 2000) e uma das formas para alcançar esse objetivo é o uso do texto direto e conciso.

A clareza da linguagem estaria vinculada à natureza da notícia transmitida pela TV. Diferente de jornais e revistas, que o leitor pode voltar para ler novamente alguma informação, o telejornal transmite a notícia uma única vez. Apesar de atualmente a maior parte de o conteúdo ser também disponibilizada na internet, o telejornalista deve entender que o espectador só vai ver aquela matéria em uma ocasião. Um dos aspectos a ser levado em conta para a linguagem do telejornal diário é, também, a superficialidade. Paternostro aponta os custos das transmissões, os comerciais e o próprio ritmo da TV como causas para o não aprofundamento das notícias. O índice de audiência também motiva a modificação dos padrões e linguagem dos telejornais, já que o interesse do espectador norteia a sustentação comercial.

Assim como no radiojornalismo, o texto da TV é escrito para ser falado (PATERNOSTRO, 1987). Evitar rimas e se preocupar com a sonoridade das palavras são ações que devem ser consideradas. Frases curtas, que ajudam na compreensão, são preferidas a parágrafos grandes com frases intercaladas. Pausas para respirar são importantes para o locutor passar uma mensagem mais clara, além de facilitarem a compreensão do espectador. A ordem direta também é característica de ambas as mídias: os termos da oração devem ser colocados na sequência sujeito, verbo e predicado (PATERNOSTRO, 1987). Para alcançar o ritmo rápido, a atenção à pontuação também se mostra essencial. Usar linguagem parecida com a do cotidiano, como se estivesse conversando com o espectador, é outro ponto comum entre o rádio e a TV.

Diferente do radiojornalismo, o jornalista da TV deve se preocupar com “como” e “quando” usar a palavra, já que o texto é apenas um dos recursos do telejornal, que é complementado com as imagens.

Em telejornalismo, a preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde sua função. O papel da palavra é dar apoio à imagem e não brigar com ela. (PATERNOSTRO, 1987: 72)

Portanto, de acordo com o *Manual de Telejornalismo*, o texto da TV só começa a ser escrito quando o jornalista já sabe quais imagens tem à disposição. As imagens devem corresponder às informações que pretende incluir no texto (PATERNOSTRO, 1987). Um dos desafios é também evitar redundâncias ou a simples descrição da imagem. Existem também formas explícitas de chamar a atenção do espectador para algum ponto da matéria, por exemplo, o uso de frases como “Vamos acompanhar as imagens” e “Vejam os detalhes nas imagens em câmera lenta...”. Esse tipo de recurso tem a ver também com a busca pela proximidade com o público.

Até então, este subcapítulo focou na importância de um texto claro para o telejornalismo atingir seus objetivos de captar a atenção da audiência, estar próximo do público e passar informações. Porém, a linguagem do jornalismo para TV vai além dos recursos textuais. Em *A Linguagem do Telejornal*, Beatriz Becker ressalta como a comunicação não-verbal é essencial para o telejornalismo.

Estamos tão acostumados a nos comunicar usando a língua materna, a língua que falamos, o português, que tendemos a esquecer de que esta não é a única forma de linguagem que somos capazes de produzir para nos comunicar, existem simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens, que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo. As linguagens não-verbais não são complementares. (BECKER, 2005: 63)

Portanto, sutilezas como postura, uso de gestos, ritmo, entonação e até o olhar, tanto dos apresentadores quanto dos repórteres, são marcas da comunicação do telejornalismo. Muitas vezes, a linguagem não-verbal é interpretada pelo público de forma diferente da esperada (BECKER, 2005). Ainda de acordo com a autora, a maioria dos estudos da área tende a focar nas análises da enunciação verbal, havendo uma prioridade de julgamentos do texto sobre os recursos visuais. Existe aí uma contradição, já que cerca de 65% do total das mensagens enviadas ou recebidas são compostas de elementos não-verbais (TRINTA *apud* BECKER,

2005). O carisma e a eloquência são levados em conta na hora de contratar um profissional para a TV, de acordo com Ludmila Fróes, chefe de redação da *TV Band Rio*.

Em conclusão, uma linguagem clara, concisa, com uso de discurso direto e frases curtas são algumas das estratégias do telejornalista para captar a atenção do espectador e passar a mensagem de forma que o público se sinta também parte da notícia. Para atingir esse objetivo, é importante também compreender que a linguagem do telejornal é feita em maior parte a partir de recursos não-verbais, como gestos e tom de voz. Outro desafio para os profissionais é evitar redundâncias, com um texto que não brigue com a imagem, já que o grande diferencial da TV para as principais demais mídias é o uso de vídeo como parte essencial da notícia.

#### 4. “Falando sério” sobre o Grupo Bandeirantes de Comunicação

A Bandeirantes, fundada em 1937, se firmou como uma das mais conhecidas empresas de comunicação brasileiras e tem um histórico de pioneirismo, no país, em inovações tecnológicas e editoriais tanto em rádio como em TV. Autointitulado “um dos maiores e mais importantes Grupos de Comunicação multimídia do Brasil e da América Latina” (SAAD, 2014)<sup>9</sup>, a empresa conta com seis emissoras de rádio e oito canais de TV, além de outros veículos em mídias impressas e internet. Entre as rádios, está a *BandNews FM*, a primeira rádio *all news* em frequência modulada do Brasil. Já o principal canal de televisão do grupo é a *TV Band*.

Este capítulo pretende contar como funcionam as redações da *BandNews Fluminense FM* e da *TV Band Rio*. O objetivo é entender como são produzidas as notícias que vão ao ar nos dois veículos para, assim, poder compará-las quanto à linguagem posteriormente. Entre os motivos de este trabalho focar no Grupo Bandeirantes de Comunicação, além da importância da empresa no mercado do Brasil e por ser uma das mais antigas, está o fato de as redações funcionarem próximas fisicamente: as redações ficam no mesmo prédio, estão separadas por apenas um andar e existe ligação direta por ramais telefônicos. Mais tarde, um dos critérios levados em conta para comparar a linguagem das notícias será a possível influência causada pelo contato entre profissionais da *BandNews* e da *TV Band Rio*.

A escolha de uma rádio e uma TV do mesmo grupo foi feita na busca de evitar que conflitos editoriais marcassem a comparação que este trabalho pretende fazer. Para o chefe de jornalismo da Band do Rio de Janeiro, Rodolfo Schneider, existem fatores semelhantes que unem a rádio e a TV em questão:

Em comum nos dois há o fato de a gente buscar levar a informação visando credibilidade e ética. Nosso costume é deixar para o âncora, o colunista, o comentarista, seja na rádio ou na TV, o papel de depurar um pouco mais, interpretar um pouco mais a informação, e o repórter ficar mais neutro. (SCHNEIDER, 2014)<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.band.uol.com.br/grupo/grupo.asp>, acessado em 09/04/2014

<sup>10</sup> Entrevista concedida à autora

#### 4.1 A *BandNews Fluminense FM*

A *BandNews Fluminense FM* é a praça do Rio de Janeiro da rádio *all news BandNews FM*. No Brasil, oito redações compõem a rede da rádio. Elas funcionam, além do Rio, em São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Salvador, Fortaleza, Belo Horizonte e Brasília. O slogan da rádio é “em 20 minutos tudo pode mudar”, porque a programação é composta por blocos locais e nacionais, estes veiculados pela redação de São Paulo, que se revezam de 20 em 20 minutos na maior parte do dia (RIBEIRO, 2012). Há exceções, na praça fluminense, para quatro jornais diários, nos dias de semana: O *Jornal BandNews Notícias da Manhã* e as três edições do *Jornal BandNews Rio*. Esses noticiários vão ao ar apenas no estado do Rio de Janeiro.

Assim como outras rádio de notícias, o horário nobre da emissora é das 7h até as 9h da manhã. O âncora Ricardo Boechat apresenta o *Jornal BandNews Rio 1ª Edição* a partir das 9h30. (RIBEIRO, 2012). De acordo com Rodolfo Schneider, o público ouvinte da rádio é formado majoritariamente por pessoas das classes A e B em uma faixa etária considerada jovem, entre 20 e 49 anos.

A gente tem um público amplo, às vezes meninos de 10 anos têm o costume de escutar a rádio com o pai, ou idosos. Você tem, às vezes, gente da classe E que gosta do jeito que o Boechat se comunica. Mas, de público-alvo, a gente tem um público jovem ‘AB’ e mais homens do que mulheres. E não tem jeito, você tem que ter um público-alvo, porque se você pensar que atinge todo mundo e tem um foco muito amplo, você acaba não atingindo ninguém. (SCHNEIDER, 2014)

Para produzir o conteúdo para as programações local e de rede, a redação da rádio carioca conta com 30 funcionários. A hierarquia segue os moldes dos principais veículos de comunicação (MOREIRA *apud* ORTRIWANO, 2008): Há uma chefe de redação, dois chefes de reportagem, um em cada turno, dezesseis repórteres e onze estagiários. Os chefes atuam como âncoras, editores e até produtores, além de operadores da mesa de áudio. A maioria dos repórteres também está apta a fazer todas essas funções e normalmente as realiza durante os plantões, quando o efetivo é reduzido. O acúmulo de funções dentro da redação, portanto, é presente no dia-a-dia dos profissionais da rádio, uma tendência cujo crescimento é observado

nos veículos de comunicação em geral desde a década de 1990 (REZENDE, 2000). Já a principal ocupação dos estagiários - e eventualmente de repórteres e até da chefia - é atender aos telefonemas de ouvintes, que têm função estratégica na *BandNews Fluminense FM*, tanto para manter a interatividade como para utilizar o ouvinte como fonte. “Há uma percepção nossa de que ninguém é melhor do que o ouvinte para descrever as coisas da cidade. Muitas vezes o repórter apura com fontes oficiais, mas não estava lá vivenciando. Por que não o próprio ouvinte falar?” (SCHNEIDER, 2014).

O telefone, porém, não é a única tecnologia que une os ouvintes à redação. Existem contas de e-mail e de mídias sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *WhatsApp* que também servem de canal direto entre o público e os repórteres. Existe um convite por parte do âncora para que o ouvinte participe e todos os endereços e números são repetidos pelo menos de hora em hora durante os blocos regionais. Um estudo do departamento de marketing da *Band* mostrou que os ouvintes de classes mais baixas tendem a usar mais o telefone para se comunicar com a redação, enquanto os de classes altas utilizam a internet (RIBEIRO, 2012). A praça do Rio de Janeiro é conhecida por ser a que tem maior participação dos ouvintes. São cerca de quatrocentas ligações diárias, além de mensagens pelas mídias sociais. A chefe de redação Mariana Procópio se orgulha do dado e afirma que as ligações servem também para moldar a programação local da rádio.

Oitenta por cento das mensagens que recebemos são em torno de reclamações de prestação de serviço onde o poder público não dá conta: é faltando água, faltando luz, médico faltando no posto de saúde, buraco na rua. Então, se 80% das ligações que eu recebo são disso, eu acredito que é isso que meu ouvinte quer. Essa questão passa não só pela busca da audiência, mas também pelo cumprimento do papel social que é do rádio e do jornalismo em si. (PROCÓPIO, 2014)

O foco na prestação de serviços, porém, vale para a programação local mais do que para a geral, ou seja, para cerca de metade do total de notícias diárias. Por mais que não haja diferença entre repórteres de editorias separadas, por exemplo, serviços e notícias locais, apenas as notícias locais viram matérias nacionais. Portanto, existe uma diferença de conteúdo dos noticiários locais e dos noticiários de rede. Todas as praças são obrigadas a enviar, por dia, pelo menos três boletins de até 2 minutos e 15 segundos, com no mínimo uma entrevista



editada compondo a matéria (RIBEIRO, 2012). O padrão serve para unir as diferentes matérias de praças e mostra a relação forte entre as sedes e deixa claro que são todas parte da mesma empresa, a *BandNews FM*.

Em conclusão, a *BandNews Fluminense FM* é uma rádio voltada para um público jovem e bem educado, das classes A e B. Porém, seguindo seus princípios editoriais, não negligencia fatos para atender apenas aos interesses do público-alvo (SCHNEIDER, 2014). Existem diferenças da programação local, que tem foco na prestação de serviços, e da nacional, que segue um padrão específico e conta com colunistas e programas de maior abrangência. A rádio dá grande importância à interatividade com os ouvintes, se utilizando de diferentes meios para estabelecer uma forte comunicação redação-ouvinte, que serve como feedback instantâneo e também como fonte de informação.

#### 4.2 A TV Band Rio

Diferente da rádio *BandNews*, a *TV Band* não tem na sua programação apenas notícias. A grade é variada e conta com desenhos animados, séries norte-americanas, programas de culinária, transmissão de eventos religiosos e esportivos, entre outros. Apesar de o jornalismo ser considerado importante e estar presente no horário nobre da televisão, que, diferente do rádio, é à noite, quem liga no canal *Band* pode estar procurando entretenimento e não apenas informação. A *TV Band Rio*, porém, funciona como uma agência de notícias e uma sede do jornalismo do Grupo Bandeirante no Rio de Janeiro.

É feita na sede carioca a gravação de dois programas da equipe de jornalismo, o *Brasil Urgente Rio* e o *Jornal do Rio*. De acordo com Ludmila Fróes, chefe de reportagem da TV no Rio, a redação da cidade fornece material para seis jornais de diferentes conteúdos e voltados para diferentes públicos-alvo. Considerando os programas que são produzidos integralmente na capital fluminense, o *Brasil Urgente Rio* (apelidado de *Burg* pela equipe) é voltado para as classes D e C, tem um apelo mais popular e o apresentador, Fabio Barreto, tem liberdade para expressar suas opiniões e usar uma linguagem crítica. Já o *Jornal do Rio* traz as notícias da cidade do Rio de Janeiro e é voltado para o público das classes C e B, com uma linguagem mais neutra. Para Fróes, tanto a linguagem e o conteúdo das matérias quanto a postura dos âncoras e repórteres vão se tornando mais formais com o passar das horas, até atingir o *Jornal*

das 10, que vai ao ar diariamente às 22h, considerado o mais “seco” da programação jornalística do canal. Existe uma relação entre o público que assiste a esses jornais e a forma com que os assuntos são abordados: Quanto mais baixa a classe social, mais simples e coloquial é a linguagem.

A redação da *TV Band Rio* é formada por 33 profissionais, entre eles nove repórteres, nove cinegrafistas, oito apuradores, seis produtores, seis editores e quatro pauteiros, além de dois chefes de reportagem. Como a televisão precisa do uso de imagens, o custo de gerenciamento de material e pessoal é maior do que na rádio (PATERNOSTRO, 1987). Para a matéria ir ao ar, as imagens precisam ser geradas em um sistema, que na *Band*, ainda é considerado lento. Se a gravação tem 40 minutos, o profissional vai demorar 40 minutos para gerar o material que pode ser editado posteriormente (FRÓES, 2014)<sup>11</sup>. Existe ainda a recuperação de imagens de arquivo, trabalho feito também pelos editores. A instantaneidade, portanto, não é o objetivo da TV, mas existe uma preocupação com a captura de imagens de qualidade.

Apesar de não haver um canal direto de comunicação entre o telespectador e a redação, o público participa da escolha da programação jornalística. É através de pesquisas de audiência, como o Ibope, que o espectador consegue influenciar o que vai e o que não vai ter destaque.

É feita uma reunião de pauta todos os dias depois dos jornais. Esta semana, por exemplo, divulgamos umas imagens de um cara que ejaculou no trem, isso rende pra caramba. Fomos fazer um “povo fala” com as mulheres que usam trem, já que quando a matéria foi ao ar, subiu o Ibope. De acordo com o aumento da audiência, você já pensa nas pautas do dia seguinte. A gente que trabalha com isso sabe que tem coisas que funcionam. Por exemplo, matéria de bicho fofinho, cachorro, gato, sempre dá Ibope. Doença e cura também fazem sucesso, já que de um pouco de hipocondríaco, todo brasileiro tem. (FRÓES, 2014)

Outro aspecto da TV é a importância da aparência do repórter e do âncora. Assim como para o rádio a voz e a entonação servem para passar credibilidade, para a TV são adicionadas ainda a postura e as expressões corporais. Os profissionais que aparecem na frente das câmeras da *Band Rio* são instruídos a não mostrar tatuagens, usar brincos grandes,

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida à autora

qualquer referência religiosa e roupas que mostrem muito o corpo. “O repórter conduz a notícia, se ele ficar mais importante que a notícia, fica complicado. Jornalista não é estrela, não é astro do rock ou ator de televisão, ele não está lá para aparecer” (FRÓES, 2014).

Apesar das diferenças de timing e objetivos, a proximidade física entre a *BandNews* e a *TV Band* é vista como vantajosa para ambas as chefias. Existe uma comunicação diária, porém não formalizada, entre os chefes de reportagem e apuradores de ambas as mídias. Como a *BandNews* possui canais de comunicação com ouvintes, muitas vezes recebe informações factuais instantaneamente e os repórteres têm o costume de discar o ramal da reportagem da TV e passar essas informações de forma espontânea (FRÓES, 2014). Em contrapartida, a *BandNews* utiliza sonoras gravadas pela TV, já que esta normalmente envia mais repórteres para a rua – por causa da necessidade do uso de imagens, diferente do rádio –, que têm mais acesso a entrevistados. (PROCÓPIO, 2014).

Concluindo, a *TV Band Rio* tem em sua grade programas variados, mas o jornalismo tem destaque e ocupa o horário nobre. O público-alvo dos noticiários da emissora vai mudando de acordo com o horário: Quanto mais tarde, até às 22h, maior a classe social do telespectador médio. Os custos para a produção da *TV Band Rio* são maiores que a da rádio e a instantaneidade não é a prioridade, mas sim a qualidade da informação, inclusive das imagens. Por mais que não tenha um canal de interatividade com o espectador, a audiência influencia na programação da TV através da análise da pesquisa de Ibope, que serve como base para as pautas. Existe uma contribuição entre os profissionais da rádio e da TV, que ajuda no dia-a-dia da apuração e na prática da reportagem, mas pode ser um fato que homogeneizar a informação que é dada nos dois veículos.

## 5. “Exercícios de estilo”: Dois meios, uma mensagem

Rádio e televisão são mídias que surgiram em momentos diferentes e possuem manuais de redação distintos. Enquanto o rádio preza pelo imediatismo e a prestação de serviços, a TV busca maior aprofundamento de informação e qualidade de imagens, geralmente. Ao longo deste trabalho, porém, foram constatadas também semelhanças entre as linguagens dos dois meios. Em ambos, aspectos não-textuais, como tom de voz e postura, são levados em conta na hora de o espectador absorver a notícia.

Além dessa questão, há o uso de estrutura clara, objetiva e direta, com menor grau de formalidade do que meios impressos, por exemplo, já que os dois se utilizam da linguagem oral (PATERNOSTRO, 1987). O rádio, de acordo com manuais de redação da área e os próprios radialistas, busca uma linguagem mais descritiva, enquanto a TV utiliza imagens como apoio e recursos narrativos para prender a atenção do telespectador. Para Beatriz Becker, uma linha frágil separa a narrativa do acontecimento, no telejornalismo.

Uma característica da linguagem do telejornalismo é garantir a verdade ao conteúdo do discurso e também a própria credibilidade do enunciador. Os textos provocam efeito de realidade e se confundem com o real porque os personagens são reais e os fatos sociais são a “matéria-prima” da produção. São construídos na tênue fronteira entre a narrativa e o acontecimento e mediante seus dispositivos audiovisuais constituem-se no “espetáculo da atualidade”. (BECKER, 2004: 62)

Talvez a mais marcante diferença entre rádio e TV está no sentido estimulado na audiência: o simples fato de atingir o público através dos olhos faz o texto do telejornalismo incompleto, se não associado à imagem. Na definição de Marshall McLuhan, enquanto o rádio é considerado um meio quente, que não exige a participação ativa de mais de um sentido da audiência, a TV é um meio frio.

Os meios quentes não exigem muito da participação do espectador, como o rádio. Logo, ele não monopoliza nossa atenção. Já os meios frios monopolizam a participação do espectador, como no caso da TV. Quando se assiste à TV, não se pode fazer praticamente mais nada ao mesmo tempo. (MCLUHAN, 2011: 43)

O trabalho foca em dois veículos específicos, a *BandNews Fluminense FM* e a *TV Band Rio*, rádio e TV do Grupo Bandeirantes de Comunicação. A escolha por emissoras pertencentes à mesma empresa foi feita porque não há pretensão de discutir diferenças e semelhanças entre as matérias que poderiam ser causadas por políticas editoriais. Por exemplo, se alguém se propuser a comparar a rádio *CBN* à *TV Record*, terá de considerar fatores como valores empresariais. Os dois veículos aqui analisados visam passar informação com credibilidade e ética. Os repórteres, que escrevem e dão voz (e imagem, no caso da TV) às matérias, de acordo com recomendações da própria empresa, são orientados a manter uma linguagem mais neutra, imparcial, e deixar os comentários e opiniões a cargo dos âncoras, comentaristas e colunistas.

Considerando as devidas diferenças entre os veículos, este capítulo pretende comparar trechos de notícias produzidas e veiculadas pela *BandNews* e pela *TV Band* com o objetivo de verificar, primeiramente, se a linguagem usada nos textos feitos no dia-a-dia das redações seguem os manuais e, posteriormente, se eles seguem a ideologia do Grupo Bandeirantes de Comunicação.

Foram coletadas, no total, cinco matérias de cada veículo sobre o mesmo assunto, veiculadas no mesmo dia tanto na rádio quanto na TV. As matérias da rádio são divulgadas mais de uma vez ao longo da programação, portanto não existe matéria feita exclusivamente para um noticiário. Já as que foram selecionadas da TV, foram veiculadas exclusivamente no *Jornal do Rio*, o noticiário do estado do Rio de Janeiro que vai ao ar nos inícios de noite. O recolhimento do material escrito – usado como base para os áudios e vídeos – foi realizado de fevereiro a abril de 2014, respeitando os seguintes critérios: são matérias que receberam destaque na programação, ou seja, foram veiculadas em pelo menos um jornal; foi escolhida uma matéria para cada dia útil da semana, pulando semanas em que houve feriados – e finais de semana - já que o número de repórteres e a rotina na redação variam; e para definir que se tratavam do mesmo assunto, foi verificada a presença de palavras-chave semelhantes. Cada dupla de matérias terá trechos analisados separadamente. As notícias podem ser lidas na íntegra na subdivisão *Anexo* deste trabalho.

A tabela abaixo resume algumas diferenças e semelhanças entre rádio e TV, tanto no geral como no Grupo Bandeirantes de Comunicação. Ela deve auxiliar nas breves análises das notícias de cada veículo.

Tabela 1: Características de Rádio e TV no Brasil<sup>12</sup> e no Grupo Bandeirantes de Comunicação<sup>13</sup>

	Rádio	TV
Ano de estreia no Brasil	1922	1950
Percentual de brasileiros que ouvem/ assistem todos os dias	21%	65%
Percentual de moradores do estado do Rio de Janeiro que ouvem/ assistem todos os dias	29%	69%
Intensidade do uso, pelos brasileiros, da mídia nos dias de semana	3 horas e 7 minutos	3 horas e 29 minutos
Intensidade do uso, pelos moradores do estado do Rio de Janeiro, da mídia nos dias de semana <sup>14</sup>	4 horas e 7 minutos	4 horas e 5 minutos
Sentido estimulado	Audição	Audição e visão
Grau de formalidade do jornalismo	Pouco. Uso de linguagem simples e clara. Às vezes, passando a impressão de que está conversando com o ouvinte	Pouco. Uso de linguagem simples e clara, em conjunto com as imagens
Focos do jornalismo	Informação e prestação de serviços	Informação e entretenimento
Gêneros textuais do jornalismo	Descritivo, com discurso direto e frases curtas	Descritivo e narrativo, com discurso direto e frases curtas
No Grupo Bandeirantes de Comunicação	<i>BandNews</i>	<i>TV Band Rio</i>
Público-alvo	Classes A e B, entre 20 e 49 anos, mais homem do que mulheres	No <i>Jornal do Rio</i> , classes C e B, entre 30 e 64 anos, ambos os sexos
Número de funcionários	30	33
Produção das matérias	Notícias vão ao ar várias vezes e para todo o Brasil	No <i>Jornal do Rio</i> , vão ao ar apenas uma vez e para o estado do Rio de Janeiro

<sup>12</sup> Dados da *Pesquisa Brasileira de Mídia 2014*, disponível em <<http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>>, acessado em 08/04/2014.

<sup>13</sup> Informações dos jornalistas da Band que cederam entrevista à autora.

<sup>14</sup> Foram utilizados como base os entrevistados que disseram ouvir rádio e assistir TV, respectivamente.

## 5.1 O Caso Santiago

Palavras-chave: Santiago, Caio, Fábio, delegado, polícia. Veiculadas no dia 13 de fevereiro de 2014, quinta-feira.

“Acho que você deveria tratar a história do Santiago como um caso à parte”, sugeriu Mariana Procópio a esta autora durante entrevista exclusiva. Este subcapítulo pretende comparar duas notícias sobre o desenrolar da morte do repórter cinematográfico da *Band Rio*, Santiago Andrade, atingido por um rojão na cabeça durante a cobertura de um protesto na Central (VER ANEXO 8.1). A morte do profissional causou grande impacto nos colegas, não apenas pelos luto e saudade, mas também pelo clima de insegurança e a busca pela punição dos acusados de disparar o dispositivo. Ambas as matérias foram ao ar exatamente uma semana após o cinegrafista ser atingido e apenas quatro dias depois de o óbito ser anunciado. Considerando a particularidade do fato, o caso Santiago deve ser tratado com cuidado especial, entendendo que amigos, ainda abalados, escreveram os textos e produziram as matérias. A imparcialidade e neutralidade dos repórteres, portanto, podem ter sido afetadas.

Se morre uma pessoa trabalhando dentro de um banco, você fica dois dias fechado e depois volta. As pessoas ficam em casa, se recuperando psicologicamente. Quando isso acontece dentro de uma televisão, e morre uma pessoa honesta, trabalhadora, suando aquela camisa, você não pode parar. O Santiago morreu e você tem que chorar fazendo matéria, até mesmo para honrar a imagem dele. (SCHNEIDER, 2014)<sup>15</sup>.

A notícia veiculada pela *BandNews FM* segue os principais aspectos esperados de uma notícia de rádio, de acordo com o manual de redação de Kern (2008): São usadas frases com sentido completo e pouco intercaladas. O lide, “A Polícia Civil tem uma lista de pelo menos CEM pessoas que teriam papel de liderança em protestos e estariam envolvidas em atos de vandalismo, inclusive em troca de dinheiro”, segue a ordem direta, no modelo quem – faz o que – a quem. Há um tom mais manchettato, e o verbo principal, “tem”, está no presente para passar a ideia de imediatismo. A matéria, no geral, faz referência ao desdobramento de uma denúncia feita por um dos acusados de envolvimento na morte de Santiago Andrade. Há o uso de uma linguagem descritiva, principalmente ao retratar o que o personagem disse: “A

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida à autora

informação vem à tona depois de Caio Silva de Souza (...) dizer em depoimento que jovens são aliciados e que chegou a ver um papel com a contabilidade do dinheiro distribuído aos manifestantes onde havia oferta de auxílio para alimentação e transporte.” Uma exceção às recomendações dos manuais de redação é a quantidade de palavras por frase. A maior frase da matéria tem 57 palavras, mais que o dobro do máximo de 25 recomendadas por Kern. Existem no texto expressões informais, como “baderna” e “voltou atrás”. Há poucos adjetivos.

A matéria que foi ao ar no *Jornal do Rio* sobre o caso Santiago começa contrapondo a fala do acusado com imagens, que dão a entender que o discurso do entrevistado não condiz com as “provas” mostradas no vídeo. “Ele diz ser contra a violência (sobe som com ele falando). Mas no meio da multidão, parte para o confronto (sobe som da confusão)”. Os comandos “sobe som” marcam a inserção do vídeo em conjunto com a fala do repórter. Já de início, fica claro que um dos principais aspectos da linguagem da TV é seguido nesta matéria, o fato de o texto complementar a imagem e vice-versa. Há indícios claros de que o texto só pode ser totalmente compreendido pelo telespectador com o uso de imagens, apesar do uso de uma linguagem descritiva. “Estas novas imagens mostram Caio (...) indo pra cima de policiais”.

O nível de informalidade é maior do que na *BandNews*, com expressões como “indo ‘pra’ cima” e “cabeça de nego”, nome popular de um tipo de explosivo. Outro aspecto interessante é o maior número de adjetivos, principalmente negativos quando qualificando os rapazes que dispararam o rojão ou o movimento dos manifestantes, por exemplo, “radicais” e “violentas”. Esse quê de parcialidade pode ser justificado pelo já citado abalo emocional da equipe da *TV Band Rio*.

## 5.2 Protesto na Vila Kennedy

Palavras-chave: Vila, Kennedy, tiros, protesto, traficantes. Veiculadas no dia 19 de fevereiro de 2014, quarta-feira.

As matérias fazem um apanhado da comunidade da Zona Oeste do Rio, então dominada por traficantes (VER ANEXO 8.2). No dia dezoito de fevereiro, houve troca de tiros entre criminosos rivais. As notícias do dia seguinte davam conta do que tinha acontecido e de como foi a rotina na Vila Kennedy depois do episódio de violência.



Intitulada “Suíte Vila Kennedy” – dá-se o nome de suíte às matérias que são sequências de outras notícias e relembram o que já foi dito (PROCÓPIO, 2014) – a notícia da *BandNews Fluminense FM* fala primeiramente das escolas fechadas na comunidade. Interessante notar que o repórter arredonda o número de estudantes, “Pelo menos dois mil alunos (...)”, seguindo a recomendação dos principais manuais de redação. Há a citação de fontes, “De acordo com a PM” e “Moradores comentaram o episódio”, o que pode ajudar a passar credibilidade para o ouvinte. É também uma estratégia para a matéria se manter neutra, já que os fatos são relatados com base na vivência e na explicação de terceiros. Novamente, são observadas frases maiores do que o recomendado, com 47 palavras compondo um parágrafo. Outro fato interessante é o uso de “nesta quarta-feira” ao invés de “hoje”. Apesar de o rádio ter um viés mais imediatista, nota-se que essa matéria foi feita para ir ao ar em diferentes ocasiões, inclusive em outros dias, e não apenas em um momento específico.

A gente procura dar um limite maior de tempo em uma rádio *all news*, onde essa notícia vai rodar várias vezes. Tem uma busca pela linguagem mais atemporal. Já na TV, você faz uma matéria para rodar em um jornal apenas; geralmente, você faz com foco em um produto específico, então você pode datar um pouco mais. (PROCÓPIO, 2014)<sup>16</sup>.

A matéria da *TV Band Rio* conta a história recente da Vila Kennedy. A notícia foi feita para passar no *Jornal do Rio*, que vai ao ar no início da noite. A linguagem narrativa é presente, marcada por expressões temporais e seguindo ordem cronológica: “*Durante* décadas a Vila Kennedy foi dominada por uma das mais violentas facções criminosas do estado. Há *mais de três anos*, a favela passou a ser disputada por traficantes rivais. *Desde então*, os confrontos viraram rotina.”. A informação que está no lide da *BandNews*, sobre os estudantes sem aula, ganhou uma frase no pé da notícia da TV. Este veículo focou nas imagens e sons do tiroteio para descrever a história e foi além quando falou sobre um dos traficantes acusados de envolvimento no caso, uma informação que não foi ao ar na matéria do rádio. De acordo com o *Manual de Telejornalismo* de Paternostro, o uso de imagens interessantes – como a correria de um tiroteio - prende a atenção do público.

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida à autora

A imagem parada, a fotografia, revela emoção. A imagem viva, em movimento, carrega uma dose muito maior de emoção. As palavras devem, então, servir de suporte a essa imagem, dar apoio, complementá-la. Frases de efeito precisam ser deixadas de lado. A imagem em movimento transmite muito mais efeitos. É com a imagem que a televisão compete com o rádio e o jornal. É com a imagem que a TV exerce o seu fascínio e prende a atenção das pessoas. É preciso respeitar a força da informação visual e descobrir como associá-la à palavra, porque a informação na TV funciona a partir da relação texto/imagem. (PATERNOSTRO, 1987: 61)

Ao final da matéria, a marcação de “sonora rádio” mostra que o repórter pediu a colaboração da *BandNews*, que enviou o áudio da entrevista com o chefe da polícia para que a televisão pudesse utilizá-lo também. Esse fator mostra a contribuição entre os dois veículos.

### 5.3 Prisão de traficante

Palavras-chave: preso, traficante, ataque, UPP, Rocinha. Veiculadas no dia 11 de março de 2014, terça-feira.

No dia em que um dos traficantes acusados de participar de um ataque à Unidade de Polícia Pacificadora da Rocinha foi capturado, os noticiários da *Band* focaram no histórico de crimes cometidos pelo agora prisioneiro Paulo Roberto Santos (VER ANEXO 8.3). Foi dado destaque especial às vítimas notórias de Paulo, no caso, dois policiais militares feridos, entre eles o coordenador-geral das UPPs. Tanto a rádio quanto a TV deram importância, também, às futuras ações da PM para reprimir o tráfico de drogas, para além da prisão do traficante em questão.

A matéria da *BandNews Fluminense FM* possui um lide grande, com 44 palavras e sintagmas intercalados, algo não recomendando pelo manual de redação de Kern (2008). Porém, as demais principais frases são mais sucintas e com sentido completo, como “Ele já tinha sido preso nove vezes” e “Djalma é um dos bandidos mais procurados do Rio”. Outro aspecto interessante da notícia é que são utilizadas duas sonoridades, uma dando a versão do delegado e outra, a do próprio preso. Por mais que a primeira e de mais destaque seja a versão oficial, da polícia, a matéria tenta de, alguma forma, mostrar o lado do acusado. Após contar como aconteceu a ação da prisão de Paulo Roberto, a notícia dá um ar de “continua na

próxima matéria...”, porque deixa claro que a polícia ainda vai realizar mais operações naquela semana para prender outros suspeitos.

A *TV Band Rio*, por sua vez, decidiu unir duas matérias sobre ataques à UPP e deu destaque tanto à prisão do traficante como à futura pacificação da Vila Kennedy. Por ser um veículo de manutenção mais cara, e dependendo do dia, de pessoal insuficiente, é compreensível que aconteçam mais “junções” de matérias que tenham ganchos entre si. Outro aspecto é que as matérias da TV são produzidas pensando em apenas um produto específico, no caso, no *Jornal do Rio*. Como o tempo do noticiário é limitado, não é interessante sobrecarregar o telespectador com duas matérias parecidas.

A televisão, diferente do rádio, demanda uma equipe maior para fazer as coisas acontecerem, porque no rádio a gente não precisa da imagem. Você precisa não só do personagem, da pessoa que vai te dar essa sonora, mas do vídeo dela. Então a TV tem uma demanda enorme: você precisa do repórter, do cinegrafista, do auxiliar, do editor. (FRÓES, 2014)<sup>17</sup>

#### 5.4 Morte de moradora do Morro da Congonha

Palavras-chave: Congonha, moradora, Claudia, arrastada, mulher. Veiculadas no dia 17 de março de 2014, segunda-feira.

O caso de Claudia Ferreira chocou o país após o vídeo em que o corpo da auxiliar de serviços gerais aparece sendo arrastado por mais de duzentos metros pelas ruas de Vila Valqueire, pendurado no camburão da Polícia Militar. As imagens, gravadas pelo celular de um leitor do jornal *Extra*, foram amplamente divulgadas e justificaram manifestações de moradores do Morro da Congonha, onde ela morava e foi baleada, além de uma excepcionalmente rápida indenização da família. As matérias a serem analisadas foram produzidas um dia após a morte de Claudia, quando a mulher foi enterrada (VER ANEXO 8.4).

A matéria da rádio utiliza grande parte dos verbos no tempo presente, inclusive quando está descrevendo fatos passados, por exemplo, em “o porta-malas da viatura se abre e Claudia da Silva Ferreira, de trinta e oito anos, é arrastada pela Estrada Intendente Magalhães”. O

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida à autora.

objetivo, além de descrever as imagens e servir como os olhos do ouvinte, é passar a noção de que os fatos são muito recentes e, também, impactantes. A *BandNews* não utiliza muitas palavras com apelos emotivos ou demonstra interesse no passado da vítima e da família. A matéria, porém, tem foco – e lide - na violência chocante da ação: Fala sobre a dúvida de se Claudia já estava ou não morta quando foi arrastada.

Em compensação, o lide do texto TV só pode ser compreendido por completo se as imagens forem consideradas: “O ônibus apedrejado retrata a revolta dos moradores”. São usadas, ao longo da notícia, palavras como “indignados” e “revolta”, além de dar detalhes sobre a vida de Claudia: O apelido, informações sobre filhos e sobrinhos e depoimento emocionado do viúvo. O uso da sonora do marido de Claudia, também, pode ser entendido como uma forma de usar a emoção para atingir o público.

O objetivo da inclusão de sonoras com personagens é aproximar o telespectador e trazê-lo para dentro da notícia mostrando como aquele assunto faz parte do cotidiano de todos. O significado construído pelas sonoras dos personagens aproxima o público da televisão. (DUARTE, 2009: 40)

Apenas 68 das 390 palavras do texto se referem ao posicionamento da polícia militar sobre o caso, o que equivale a cerca de 17% da matéria. Já na notícia veiculada pela *BandNews*, esse percentual sobe para 31%, ou seja, existe um equilíbrio maior entre as informações de um lado (a família) e do outro (a PM). O restante das matérias equivale à descrição dos fatos, que tende a ser neutra, de acordo com a política editorial do Grupo Bandeirantes de Comunicação. Uma análise crítica de Eugênio Bucci, professor doutor da Universidade de São Paulo, pode explicar a parcialidade indicada na matéria da TV.

Em muitas ocasiões o que o jornalismo de televisão exhibe como informação é pura promoção de espetáculo em assuntos tão diversos quanto saúde, política, meio ambiente ou ciência. O que determina que assim seja não é apenas a troca de favores entre empresas de televisão e outros núcleos de poder, mas principalmente a necessidade do telejornalismo de produzir e montar o circo. (BUCCI *apud* DUARTE, 2009: 34)

## 5.5 Posse do Governador

Palavras-chave: Posse, governador, Pezão, candidato, Casa. Veiculadas no dia 4 de abril de 2014, sexta-feira.

Os veículos de comunicação acompanharam o primeiro dia do agora governador Luiz Fernando Pezão à frente do comando do estado do Rio de Janeiro. No fim de dois mandatos, Sérgio Cabral deixou o governo em busca de uma candidatura a outro cargo político nas eleições de outubro de 2014 (VER ANEXO 8.5). Pezão, o vice e pré-candidato ao governo, teria chance também de se tornar mais conhecido pelo eleitorado fluminense. Normalmente, as redações recebem diariamente, da assessoria do governo do estado, a agenda oficial do governador, mas raramente repórteres da *Bandeirantes* acompanham o político. A exceção do dia 4 de abril foi, justamente, por ser o primeiro dia do novo governador.

Intitulada “Santa Casa”, a matéria da *BandNews* descreve a situação do local que Pezão escolheu visitar naquele dia: O Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia, fechado pela vigilância sanitária há 6 meses. É interessante notar que a notícia deixa a entender que a reportagem não confia na promessa de Pezão de reabrir o local, ressaltando que apesar de o novo governador dizer que vai re-inaugurar o hospital, ele não deu qualquer prazo para a conclusão das obras de melhoria. O foco na prestação de serviços, portanto, pode ser notado: a *BandNews* não se importa tanto com os aspectos como a troca de poder visando a corrida eleitoral, mas foca no serviço público que continua de portas fechadas por tempo indeterminado.

*A BandNews*, mais até do que outras rádios, leva muito a sério a prestação de serviços. A gente leva isso a ferro e fogo, a ponto de alterar a programação com uma flexibilidade maior do que a maioria das rádios que eu acompanho. A TV, por ser um veículo mais caro, perde nesse quesito e não foca na prestação de serviços. Mas a tecnologia está mudando. Quem sabe, com a tecnologia, com um bom telefone celular e uma boa conexão, daqui a pouco até a TV caminhe para algo semelhante? (PROCÓPIO, 2014)

A matéria que foi ao ar na edição do *Jornal do Rio* acompanhou o discurso da posse do governador na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Por mais que cite a primeira promessa de Pezão – reabrir a Santa Casa – dá mais destaque para relatar como o político se sentiu ao se tornar governador e descrever como foi o dia dele. A notícia foca também na

proximidade entre Sérgio Cabral e Pezão. No lide, ela informa que Pezão descreveu Cabral como um irmão. O fechamento da matéria também insinua sobre o futuro político de ambos os pré-candidatos. É interessante notar o uso de palavras que denotam que o repórter está efetivamente no local da notícia, no trecho “depois de tomar posse oficialmente como governador na Alerj, Luiz Fernando Pezão veio aqui para o Palácio Guanabara, em Laranjeiras na zona sul do Rio para a solenidade de transferência de cargo com Sérgio Cabral”, algo não comum para matérias de rádio, que vão ao ar várias vezes e buscam abordagem mais atemporal.

## 6. Conclusão

Este trabalho propôs um passeio pela história e pelas particularidades do rádio e da televisão na tentativa de apontar semelhanças e diferenças entre um e outro, para saber o quanto ambos se influenciam e os motivos disso. Foram abordados objetivos, público e linguagem de cada mídia e, com isso, pode-se dizer que cada capítulo trouxe não uma, mas várias conclusões, e também, mais dúvidas.

Ao falar sobre a história do radiojornalismo, uma das principais conclusões é a de que o rádio é considerado ainda um veículo tradicional, mas que apostou com força nas novas tecnologias, nas mídias sociais. Um dos pontos que mostraram essa primeira característica foi o caso da onipresença da *Voz do Brasil* através das décadas, uma mostra de como o Brasil conta com essa mídia para atingir a massa. Para além da discussão política, que neste trabalho não ganhou tanto espaço, o rádio se mostrou poderoso ao unir o tradicional e também inovações contemporâneas: A interatividade com o público, uma tendência geral, é explorada pelas empresas que utilizam o que é novidade na tecnologia, um canal direto e instantâneo com o público. O rádio encontrou nesse campo não apenas o ouvinte fiel, que considera o rádio um amigo para todas as horas, mas que também participa ativamente. Os ouvintes, literalmente, têm voz na programação. Questões podem ser levantadas a partir disso, por exemplo, qual seria o papel do jornalista em uma mídia onde o espectador atua na produção – e até na locução - de conteúdo ou quais os limites dessa conectividade.

Já a televisão brasileira vem apostando na linguagem coloquial e no uso de frases e imagens impactantes para atrair a atenção do telespectador, sem deixar de lado, também, a interatividade com o público. Ressaltando que esse tipo de recurso não está necessariamente associado ao sensacionalismo, que existe e não foi destaque neste trabalho, mas é simplesmente este o formato que se adaptou à TV ao longo de anos de desenvolvimento tecnológico e social. Há um histórico de associação da televisão, pelo menos a TV aberta, com o entretenimento, e esse viés é explorado pelo telejornalismo. O fato de o texto estar sempre vinculado à imagem, inclusive, torna as análises feitas no capítulo “Exercício de estilo” incompletas: o texto da TV, quando bem feito, só pode ser compreendido em associação com a imagem que o acompanha. Menos interativo que o rádio, a TV investe em produtos – noticiários – específicos para sintetizar os fatos e assuntos mais importantes do dia. Uma

dúvida levantada por uma das profissionais entrevistadas para este trabalho, a jornalista Mariana Procópio, dá conta de que, talvez, a TV chegue um dia ao alto nível de comunicação entre redação e telespectador, dependendo de uma conexão de internet mais rápida e de vídeos mais fáceis de serem compartilhados.

Uma empresa que deixa as opiniões para os âncoras, com equipes compostas por cerca de 30 jornalistas cada e sem manual de redação próprio. Ao falar do Grupo Bandeirantes de Comunicação, o trabalho considerou o passado da empresa, mas principalmente focou nos relatos de profissionais que compõem a equipe de jornalismo, como um olhar dos bastidores, que teve um viés metalinguístico. Deixando claro que a *Band* não tem manual de redação, conclui-se que os profissionais lá têm maior liberdade de estilo, sem esquecer dos valores da empresa, talvez até clichês: Ética e credibilidade. Um olhar da autora, que faz parte da equipe de reportagem da *BandNews*, mostra que existe uma tendência de contratar jornalistas jovens. Isso traz uma perspectiva sobre o mercado para os profissionais, destacado pela entrevistada Ludmila Fróes: Os custos de produção são altos, principalmente na TV, e o uso de mão-de-obra menos qualificada acarreta em menos despesas com remuneração de pessoal.

A análise feita ao longo deste trabalho não traçou um perfil do jornalista da Bandeirantes, mas mostrou como funciona a rotina das redações para entender o processo que leva o profissional a seguir ou não o que foi ensinado na teoria, ou nos manuais de redação tradicionais. Como as redações estão próximas fisicamente, existe uma colaboração, uma cessão de sonoras e até textos para os colegas. Apesar da cooperação entre as redações, os focos – lides - das matérias analisadas foram diferentes, o que mostra que os processos de produção de cada mídia funcionam de forma independente. Na rádio, o repórter atua como produtor, locutor, editor e até âncora (sem esquecer do atendimento aos ouvintes, prioridade na *BandNews*), ocupando função mais ampla, o que pode acarretar em perda de qualidade, já que o profissional não está focado apenas em redigir o texto, objeto de análise deste trabalho. Já na TV, as funções são melhor definidas: O repórter não atua como cinegrafista ou editor. Quando esta autora escolheu apresentar matérias da *Band*, seguindo critérios como conveniência e importância no contexto brasileiro, teve de abrir mão de inúmeras outras empresas. O mesmo vale para as duas mídias, rádio e TV, ambas de comunicação de massa. No contexto atual, seguindo a mesma linha, seria interessante também analisar a mesma notícia veiculada em um site e em um periódico impresso, por exemplo.



Quanto à análise separada de cada matéria, realizada em “Exercícios de estilo”, pode-se concluir que ambas as mídias se encaixam nos modelos apresentados pelos manuais de redação apontados como referência neste estudo. Nesse sentido, não foi constatada nenhuma grande “revolução” quanto à estrutura da linguagem das notícias, em relação ao que foi considerado tradicional. O rádio manteve-se descritivo, servindo de olho para ouvinte, e a TV assumiu uma linguagem emotiva, narrativa e que só pode ser entendida em conjunto com a imagem. O ponto que mais fugiu das recomendações dos manuais foi o uso de frases grandes para o radiojornalismo, às vezes até com ideias intercalados, quando Kern diz claramente que cada ideia deve ser apresentada separadamente e que o limite de 25 palavras por frase deve ser respeitado para melhor compreensão do interlocutor (2008).

Verificou-se que a *BandNews* possui uma linguagem mais neutra e imparcial do que a da *TV Band Rio*. Foi constatado que isso acontece tanto por características de cada meio tanto porque os dois veículos têm propostas diferentes: A *BandNews* faz matérias que vão ao ar local e nacionalmente, ou seja, as matérias analisadas da rádio têm amplitude maior do que as do telenoticiário *Jornal do Rio*. É mais frequente o uso de linguagem informal e adjetivada quando o público que está consumindo a informação tem maior identificação com as questões mostradas, algo esperado entre pessoas que convivem no mesmo estado. As matérias da *BandNews* vão ao ar várias vezes, até em dias diferentes, não são produzidas para um produto específico como as da TV, o que pode torná-las mais genéricas. Partindo desse ponto, seria interesse uma análise de um bloco local da *BandNews* e um nacional. Ambos se intercalam de 20 em 20 minutos e talvez seja possível notar diferenças de conteúdo e também de postura dos âncoras.

Portanto, este estudo comparativo de dois meios que tentam passar a mesma mensagem concluiu que os veículos analisados utilizam ferramentas distintas para conseguir seus objetivos, o que transforma a notícia da TV diferente da notícia do rádio. Os textos seguiram as principais recomendações dos tradicionais manuais de redação, com exceções já apontadas. Ao longo do processo de conclusão, foram sugeridos novos projetos que podem ser elaborados a partir deste trabalho, o que indica que, por mais que as questões levantadas inicialmente tenham sido respondidas, ainda cabe aprofundamento, levando em conta outros fatores que foram abordados superficialmente por este trabalho, além da busca por respostas às novas dúvidas que surgiram.

## 7. Referências Bibliográficas

ALENCASTRO, C. Jornal, o veículo mais confiável para brasileiros. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro: 3ª edição, p. 28, publicado em 08/03/2014.

BARBEIRO, H. e LIMA, P. *Manual de Radiojornalismo*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BECKER, B. *A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do Descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

KERN, J. *Sound Reporting: The NPR Guide to Audio Journalism and Production*. Chicago, USA: University of Chicago Press, 2008.

DUARTE, J. Análise de narrativa jornalística: Comparação de narrativas de telejornais locais DFTV 2ª Edição e *DF Record*. Trabalho de conclusão de curso (Comunicação Social – Jornalismo). *Centro Universitário de Brasília*. Orientador: Severino Francisco, 2009. Disponível em <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1866/2/20413289.pdf>>, acessado em 02/05/2014.

MAIA, A. O telejornalismo no Brasil na atualidade: Em busca do telespectador. *Seminário internacional de análise de telejornalismo: desafios teóricos metodológicos*, Salvador, 2011. Disponível em <[http://analisedetelejornalismo.files.wordpress.com/2011/08/maia\\_aline.pdf](http://analisedetelejornalismo.files.wordpress.com/2011/08/maia_aline.pdf)>, acessado em 06/05/2014.

MEMÓRIA Globo. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MCLUHAN, M. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. 17ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2011.

ORTRIWANO, G. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história, *Revista USP*. São Paulo, n. 56, p. 66-85, dez./fev. 2002/2003. Disponível em <<http://www.usp.br/revistausp/56/10-gisela.pdf>>, acessado em 06/05/2014.

PATERNOSTRO, V. I. *O Texto na TV: Manual de telejornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987

PRADO, E. *Estrutura da Informação Radiofônica*. São Paulo: Summus, 1989.

REZENDE, G. J. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, P. O ouvinte como fonte no radiojornalismo: um estudo de caso de três reportagens que foram ao ar na *BandNews Fluminense FM*. Trabalho de conclusão de curso (Comunicação Social – Jornalismo). *Universidade Estácio de Sá*, Niterói. Orientadora: Soraya Venegas, 2012.

SAAD, J. Grupo: depoimento. São Paulo: Site *Band.com.br*. Disponível em <<http://www.band.uol.com.br/grupo/grupo.asp>>, acessado em 09/04/2014.

TAVARES, M. Transferência do sistema de rádio de AM para FM vai começar até dezembro. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro: 2a edição, p. 21, publicado em 13/03/2014.

## **8. Anexo: Íntegra das matérias**

### 8.1 Matérias Caso Santiago

#### 8.1.1 Suíte Alicia Manifestantes - *BandNews*

+ A Polícia Civil tem uma lista de pelo menos CEM pessoas que teriam papel de liderança em protestos e estariam envolvidas em atos de vandalismo, inclusive em troca de dinheiro. As investigações do setor de Inteligência analisam a origem da verba que financia a baderna.

+ A informação vem à tona depois de Caio Silva de Souza, suspeito de ter acendido o rojão que matou o repórter cinematográfico da Band Santiago Andrade, dizer em depoimento que jovens são aliciados e que chegou a ver um papel com a contabilidade do dinheiro distribuído aos manifestantes onde havia oferta de auxílio para alimentação e transporte. O jovem ainda voltou atrás e disse que o tatuador Fábio Raposo foi responsável por acender o rojão.

+ Para o delegado responsável pelo caso, Maurício Luciano, as informações não alteram o indiciamento dos DOIS jovens. O inquérito será entregue ao Ministério Público até o fim desta sexta-feira.

SONORA

+ A Polícia Civil investiga a atuação de DOIS grupos políticos no financiamento de atos de vandalismo. Um seria responsável pelo pagamento para que jovens promovessem baderna durante os atos. O outro daria suporte jurídico.

+ O Instituto de Defensores de Direitos Humanos é uma das Ongs que defendem manifestantes detidos. O presidente da Organização, João Tancredo, explica o motivo da ajuda.

SONORA

((Um dos dirigentes do Instituto de Defesa dos Direitos Humanos trabalha no gabinete do Deputado Estadual Marcelo Freixo, do PSOL, mas o político nega envolvimento do partido na prática de aliciamento financeiro.))

+ Nesta QUINTA, a revista Veja publicou uma planilha que teria sido compartilhada em uma rede social pela ativista Elisa Quadros, conhecida como Sininho. O documento mostra uma série de doações que teriam sido feitas ao grupo da ativista, que comandou a invasão à Câmara dos Vereadores em Julho do ano passado. A lista inclui o nome de DOIS vereadores, um delegado e um juiz. Em nota, os vereadores Renato Cinco e Jefferson Moura, do PSOL, além do delegado Orlando Zaconne, disseram que a doação foi destinada a um ato beneficente. Já o juiz Luis Damasceno foi ouvido pela Veja e negou qualquer tipo de doação.

#### 8.1.2 Acusados Santiago – *Jornal do Rio*

(OFF) ELE DIZ SER CONTRA A VIOLÊNCIA.//

(SOBE SOM VT DA MONICA COM ELE FALANDO)

(OFF) MAS NO MEIO DA MULTIDÃO, PARTE PARA O CONFRONTO.//

(SOBE SOM DA CONFUSÃO)

(OFF) ESTAS NOVAS IMAGENS MOSTRAM CAIO SILVA DE SOUZA, DE 23 ANOS INDO PRA CIMA DE POLICIAIS NA MANIFESTAÇÃO QUE ACONTECEU NA CENTRAL DO BRASIL CONTRA O AUMENTOS DAS PASSAGENS DE ÔNIBUS HÁ UMA SEMANA.// O COMPORTAMENTO DO RAPAZ É IGUAL AO DE OUTROS RADICAIS.//

(SONORA PSIQUIATRA - DIZ QUE EXISTEM COMPORTAMENTOS QUE NUNCA SERIAM TOMADOS ISOLADA MENTE - EM GRUPO, PESSOAS TEM MENOS FREIO A DETERMINADAS REAÇÕES)

(OFF) FOI NESTE PROTESTO QUE O CINEGRAFISTA DA BAND SANTIAGO ANDRADE FOI ATINGIDO POR UM ROJÃO.// CAIO É APONTADO PELA POLÍCIA E TAMBÉM NAS IMAGENS FEITAS NO DIA COMO O HOMEM QUE LANÇOU O EXPLOSIVO.// NESTAS, ELE APARECE AO LADO DE FABIO RAPOSO, DE QUEM RECEBEU O ARTEFATO.// O TATUADOR JÁ HAVIA SE ENTREGADO NA SEMANA PASSADA E TEVE PRISÃO DECRETADA./ DURANTE ENTREVISTA ONTEM, CONSEGUIDA PELA REPÓRTER MÔNICA PUGA LOGO DEPOIS DE CAIO SER TRAZIDO PARA O RIO DE JANEIRO, O RECEPCIONISTA DE HOSPITAL NEGOU O CRIME./

SONORA DELE - EU NÃO MATEI

HOJE, DEPOIS DE SER LEVADO PARA O COMPLEXO DE GERICINÓ MUDOU A VERSÃO: CONFESSOU TER POSICIONADO A BOMBA QUE MATOU SANTIAGO ANDRADE.//

SOBE SOM DA BOMBA ESTOURANDO

(OFF ARTE)

OS DEPOIMENTOS DE CAIO E FÁBIO DIVERGEM EM VÁRIOS PONTOS.// SEGUNDO O RECEPCIONISTA DE HOSPITAL, FOI RAPOSO QUEM ACENDEU O ROJÃO E O QUE O INCENTIVOU A DISPARÁ-LO.// JÁ O TATUADOR AFIRMA QUE ENCONTROU O OBJETO NO CHÃO E DEPOIS DA INSISTÊNCIA DE CAIO, ENTREGOU O ARTEFATO PARA QUE ELE DISPARASSE.// CAIO AFIRMA: PENSAVA QUE O OBJETO ERA UM SINALIZADOR OU UMA "CABEÇA DE NEGO".// FÁBIO DIZ QUE NEM SABIA DO QUE SE TRATAVA.// CAIO E FÁBIO DIZEM NÃO SE CONHECEREM PESSOALMENTE. MAS AMBOS RECONHECEM TER PARTICIPADO JUNTOS DE OUTRAS MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS NO RIO./

(OFF) DIANTE DO CONFLITO ENTRE OS ACUSADOS, O ADVOGADO JONAS TADEU DECLAROU QUE PODE DEIXAR O CASO./ ATUALMENTE ELE DEFENDE - DE GRAÇA - OS DOIS RAPAZES.// UM DEPOIMENTO FOI ESSENCIAL PARA A IDENTIFICAÇÃO DE CAIO NAS IMAGENS.// O JOVEM DEU UM TELEFONEMA ÀS SETE E MEIA DA NOITE DA ÚLTIMA QUINTA, A UM COLEGA DO HOSPITAL ONDE TRABALHAVA.// SEGUNDO A POLÍCIA, ELE ESTAVA OFEGANTE E DISSE: "FIZ BESTEIRA. ACHO QUE MATEI UMA PESSOA".//

(SONORA DELEGADO - FALANDO DO COLEGA DE PROFISSÃO QUE RECEBEU UMA LIGAÇÃO E QUE FOI DECISIVO PARA O INQUÉRITO)

(OFF) APESAR DE CAIO TER CULPADO FÁBIO POR ACENDER O ROJÃO, O DELEGADO RESPONSÁVEL PELO CASO AFIRMA QUE AS ALEGAÇÕES NÃO TEM PESO NA INVESTIGAÇÃO, JÁ QUE OS DOIS SÃO COAUTORES - E AGIRAM JUNTOS - COM O MESMO OBJETIVO.//

(PASSAGEM) O INQUÉRITO JÁ FOI CONCLUÍDO PELA POLÍCIA E SERÁ ENTREGUE NESTA SEXTA-FEIRA PARA O MINISTÉRIO PÚBLICO.// CAIO ESTÁ

PRESO TEMPORARIAMENTE POR 30 DIAS, MAS PODE TER A PRISÃO PREVENTIVA DECRETADA.//

(SONORA DO PROCURADOR FALANDO DE MOTIVOS PARA DECRETAR PRISÃO PREVENTIVA)

(OFF) O PROCURADOR TAMBÉM AFIRMA QUE O MINISTÉRIO PÚBLICO DEVE SEGUIR AS INDICAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO POLICIAL - E DENUNCIAR AMBOS POR HOMICÍDIO DOLOSO - COM INTENÇÃO DE MATAR - E CRIME DE EXPLOSÃO./ A PENA PODE CHEGAR A 35 ANOS.//

(SONORA DO PROCURADOR)

## 8.2 Matérias Vila Kennedy

### 8.2.1 Suíte Vila Kennedy – *Bandnews*

+ Pelo menos DOIS MIL alunos ficaram mais uma vez sem aulas devido ao fechamento de três escolas e duas creches públicas na Vila Kennedy, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, nesta quarta-feira, por causa da disputa entre traficantes rivais pela venda de drogas na região.// Na terça, nove instituições de educação também não abriram as portas.//

+ O policiamento na Favela Metral foi reforçado com homens do Bope e de outros dois batalhões um dia após um homem morrer durante troca de tiros com a polícia e um ônibus ter sido incendiado em protesto. Alguns manifestantes alegaram ter sido expulsos de casa por traficantes.//

+ Cerca de 50 manifestantes ocuparam um trecho da Avenida Brasil e o trânsito ficou congestionado nos dois sentidos. Com medo, os moradores comentaram os episódios do dia anterior.//

((SONORA POVO FALA VILA KENNEDY))

+ De acordo com a PM, um grupo de cinco homens tentou roubar uma van na Avenida Brasil, próximo a comunidade, e entrou em confronto com a polícia.//

+ Na troca de tiros, Tiago da Silva Costa, de 28 anos, foi atingido e levado para o Hospital Estadual Albert Schweitzer, mas não resistiu. Com ele, os pêsames apreenderam um

fuzil. Segundo a polícia, Thiago já tinha antecedentes criminais. Os outros criminosos fugiram.//

+ O comércio chegou a ser fechado parcialmente, mas reabriu nesta quarta-feira.//

### 8.2.2 Tiroteio Vila Kennedy – *Jornal do Rio*

(OFF) DURANTE DÉCADAS A VILA KENNEDY FOI DOMINADA POR UMA DAS MAIS VIOLENTAS FACÇÕES CRIMINOSAS DO ESTADO. // HÁ MAIS DE TRÊS ANOS, A FAVELA PASSOU A SER DISPUTADA POR TRAFICANTES RIVAIS. // DESDE DE ENTÃO, OS CONFRONTOS VIRARAM ROTINA. // (SOBE SOM DE TIROS)

(OFF) O TIROTEIO DE ONTEM MOSTRA O MOMENTO QUE OS BANDIDOS INVADEM A FAVELA.//

(SOBE SOM DE TIROS - JADSON)

(OFF) A POLÍCIA MILITAR INTERVEIO E FOI RECEBIDA A TIROS.//

(SOBE SOM DE TIROS)

(OFF) O COMÉRCIO TEVE QUE FECHAR AS PORTAS.//

(SOBE SOM DE TIROS)

(POVO FALA COM MORADORES DIZENDO QUE FOI MUITO TIRO, MULHER FALA QUE AUMENTA O VOLUME DA TELEVISÃO PARA O FILHO NÃO OUVIR OS TIROS. OUTRA MULHER DIZ QUE APRENDEU A SE PROTEGER PARA NÃO SER VÍTIMA DOS TIROS. DIZ QUE SE JOGA NO CHÃO, ENTRA NAS LOJAS OU INVADE CASAS PEDINDO SOCORRO. )

(PASSAGEM) SEGUNDO INVESTIGAÇÕES, A ORDEM PARA INVADIR A VILA KENNEDY PARTIU DO TRAFICANTE MARCELO SANTOS DAS DORES, O MENOR P. // O BANDIDO OFERECEU DINHEIRO PARA ALGUNS TRAFICANTES DAQUI, QUE DERAM APOIO AO GRUPO RIVAL. //

(OFF) MENOR P É UM DOS TRAFICANTES MAIS PROCURADOS DO RIO. // ELE É ACUSADO DE COMANDAR O TRÁFICO DE DROGAS NA FAVELA VILA DOS PINHEIROS, NO COMPLEXO DA MARÉ, NA ZONA NORTE. //O POLICIAMENTO FOI REFORÇADO HOJE PELA MANHÃ // MESMO ASSIM, AS ESCOLAS NÃO FUNCIONARAM E MAIS DE DOIS MIL ALUNOS FICARAM SEM AULA. //



(POVO FALA COM UMA MULHER QUE DIZ QUE ALI AS PESSOAS NÃO VIVEM E SIM SOBREVIVEM)

(OFF) NAS REDES SOCIAIS BANDIDOS EXIBEM ARMAMENTO PESADO.//  
EM ENTREVISTA O CHEFE DA POLÍCIA CIVIL, FERNANDO VELOSO, PROMETEU UMA AÇÃO NO LOCAL, MAS NÃO FALOU EM DATA.//

(SONORA RÁDIO)

### 8.3 Matérias Prisão de traficante

#### 8.3.1 Preso UPP Rocinha – *BandNews*

+ Após a prisão de um suspeito de participar de ataques à UPP da Rocinha, a polícia civil anunciou novas operações nos próximos dias operações para prender outros integrantes da quadrilha que promoveu os atentados na comunidade da Zona Sul do Rio, no mês passado.

+ Na ocasião, o coordenador-geral das UPPs, Frederico Caldas, e a comandante da unidade da Rocinha, Priscila Azevedo, ficaram feridos durante a ação dos bandidos.

+ Nesta terça-feira, foi preso um dos suspeitos de coordenar o ataque. Paulo Roberto Santos, conhecido como Bradock, de quarenta e quatro anos, foi capturado em casa, em uma área de difícil acesso da Rocinha. Ele já tinha sido preso nove vezes.

+ De acordo com o delegado Gabriel Ferrando, Bradock é braço-direito de Luiz Carlos Jesus da Silva, o Djalma, que controla o tráfico na parte alta da Rocinha. Djalma é um dos bandidos mais procurados do Rio. O delegado disse ainda que não vai divulgar o número de envolvidos nos ataques para não atrapalhar as próximas operações.

((SONORA DELEGADO))

+ Bradock, que não resistiu à prisão, negou envolvimento nos ataques à UPP. Ele diz que é vítima de preconceito por ser ex-presidiário.

((SONORA BRADOCK))

+ Bradock responde por associação ao tráfico, tráfico de drogas e tentativa de homicídio.

+ O ataque contra a UPP aconteceu no último dia dezesseis e começou num confronto entre traficantes na Rua do Valão. Na ocasião, dois bandidos foram baleados.

+ Ainda segundo a polícia, para socorrer os cúmplices, traficantes atacaram simultaneamente vários pontos das UPPs.

### 8.3.2 Prisão traficante – *Jornal do Rio*

FOI PRESO HOJE O HOMEM ACUSADO DE COMANDAR O ATAQUE À UPP DA ROCINHA NO MÊS PASSADO.// EM MEIO A CRISE ENFRENTADA NAS COMUNIDADES PACIFICADAS, COM MORTES DE POLICIAIS NO ALEMÃO, O GOVERNO ANUNCIA A IMPLEMENTAÇÃO DE MAIS UMA UPP.// SERÁ A TRIGÉSIMA OITAVA, NA VILA KENNEDY, ZONA OESTE DO RIO.//

(OFF) PAULO ROBERTO SANTOS, QUE TEM NOVE ANOTAÇÕES CRIMINAIS, É ACUSADO DE COORDENAR O ATAQUE A UPP DA ROCINHA NO MÊS PASSADO.// DURANTE A AÇÃO, O COMANDANTE DAS UNIDADES DE POLÍCIA PACIFICADORA, CORONEL FREDERICO CALDAS, FICOU FERIDO.// PAULO FOI PRESO EM CASA NO ALTO DO MORRO E NÃO REAGIU.//

(SONORA COLETIVA)

(PASSAGEM - ROCINHA) A POLÍCIA AFIRMA QUE PAULO ROBERTO TEM LIGAÇÃO COM O CHEFE DO TRÁFICO DE DROGAS QUE COMANDA A PARTE ALTA DO MORRO.// ELE SERIA UM SEGURANÇA PESSOAL DO LÍDER DA QUADRILHA.// UM DOS GRUPOS QUE DISPUTA O CONTROLE DA FAVELA, APESAR DA PACIFICAÇÃO.//

(OFF) COM MEDO, OS MORADORES VOLTARAM A ADOPTAR A ESTRATÉGIA DE NÃO COMENTAR O CLIMA DE INSEGURANÇA.//

(POVO FALA - NÃO QUERO FALAR)

(OFF) INAUGURADA EM SETEMBRO DE 2012, A UPP DA ROCINHA COMEÇOU A ENFRENTAR OS PRIMEIROS DESAFIOS DEPOIS DO SUMIÇO DO AJUDANTE DE PEDREIRO AMARILDO DE SOUZA.// PELA INTERNET, MORADORES PEDIAM SOCORRO AO REGISTRAR OS TIROTEIOS DURANTE A NOITE.//

(SOBE SOM)

(OFF) DO OUTRO LADO DA CIDADE, OUTRA COMUNIDADE PACIFICADA, O COMPLEXO DO ALEMÃO, VOLTOU A ENFRENTAR ANTIGOS PROBLEMAS.// ACESSOS FORAM FECHADOS PARA SUFOCAR O TRÁFICO DE DROGAS E PRENDER O SUSPEITO DE MATAR O SOLDADO RODRIGO PAES LEME, ATACADO POR TRAFICANTES NA SEMANA PASSADA.// É O TERCEIRO PEEME MORTO DESDE A OCUPAÇÃO EM 2010./ APESAR DE NÃO TER RESOLVIDO OS DESAFIOS NESSAS ÁREAS CRÍTICAS, A PRÓXIMA PACIFICAÇÃO ESTÁ MARCADA PARA QUINTA-FEIRA.// SERÁ A TRIGÉSIMA OITAVA UPP EM UMA DAS ÁREAS MAIS PERIGOSAS DA ZONA OESTE DO **RIO**, A VILA KENNEDY.//

(SONORA SERGIO CABRAL)

(OFF) CEM MIL MORADORES SOBREVIVEM À ROTINA DE VIOLÊNCIA DA COMUNIDADE./ NO MÊS PASSADO, UM RAPAZ DE DEZOITO ANOS, MORREU ATINGIDO POR UMA BALA PERDIDA.// AS OPERAÇÕES SÃO DIÁRIAS, MAS INSUFICIENTES PARA ACABAR COM CENAS COMO ESSAS.//

#### 8.4 Matérias Morte Moradora do Morro da Congonha

##### 8.4.1 Suíte arrastada – *BandNews*

+A Polícia Civil investiga se a mulher baleada no Morro da Congonha, em Madureira, na Zona Norte do Rio, morreu logo após ser atingida pelos disparos ou se não resistiu depois de ser arrastada por 250 metros por uma viatura da PM durante o socorro. O laudo do Instituto Médico Legal será divulgado em até 30 dias.

+Um vídeo na internet mostra que, no caminho do Hospital, o porta-malas da viatura se abre e Cláudia da Silva Ferreira, de TRINTA E OITO anos, é arrastada pela Estrada Intendente Magalhães, em Vila Valqueire. Somente próximo a um sinal de trânsito, os pms param o carro e voltam com a mulher para dentro do veículo. De acordo com a Secretaria Estadual de Saúde, a vítima chegou morta ao Hospital Carlos Chagas. Os três pms envolvidos foram presos administrativamente.

+Famíliares e testemunhas dizem que Cláudia morreu no caminho da unidade de saúde. Já o Comando do Batalhão de Rocha Miranda prefere aguardar o laudo do IML para

saber se a morte aconteceu antes. Uma perícia constatou que a tranca do porta-malas não apresentava problemas, mas segundo a PM, como o carro foi alvo de protestos, avarias podem ter provocado a abertura involuntária. O caso é alvo de apuração das polícias Militar e Civil. Em nota, o secretário de Estado de Segurança, José Mariano Beltrame, repudiou a conduta dos policiais.

+Cláudia foi enterrada no Cemitério de Irajá nesta SEGUNDA-FEIRA. O viúvo Alexandre Fernandes da Silva, de 41 anos, lembra da dificuldade em fazer o reconhecimento da mulher.

((SONORA MARIDO 17.03))

+Nesta segunda-feira, a Avenida Ministro Edgard Romero, uma das principais da Zona Norte do Rio, ficou interditada por mais de QUATRO horas durante protesto de moradores.

+No domingo, DOIS ônibus chegaram a ser incendiados. Em nota, o comando da Polícia Militar afirma que a conduta dos pms não condiz com um dos principais valores da corporação, que é a preservação da vida e dignidade humana.

#### 8.4.2 Protesto Congonha – *Jornal do Rio*

(OFF) O ONIBUS APEDREJADO RETRATA A REVOLTA DOS MORADORES DA COMUNIDADE DA CONGONHA, QUE INDIGNADOS COM A AÇÃO DESASTROSA DA POLÍCIA, FORAM PARA A PRINCIPAL AVENIDA DE MADUREIRA NA ZONA NORTE DO RIO PROTESTAR.// PNEUS FORAM QUEIMADOS NO MEIO DA VIA.// A COMUNIDADE, QUE É VIZINHA DE DUAS FAVELAS COMANDADAS POR FACÇÕES RIVAIS, A SERRINHA E CAJUEIRO, AMANHECEU NESTE DOMINGO COM A NOTÍCIA DA MORTE DA AUXILIAR DE LIMPEZA CLAUDIA FERREIRA DA SILVA.// A MULHER, DE TRINTA E OITO ANOS, QUE ERA CHAMADA PELOS AMIGOS DE CACAU, FOI BALEADA DURANTE UMA RONDA DA POLÍCIA NA COMUNIDADE.// CLÁUDIA QUE FOI ATINGIDA NO ABDOMEN E NA CABEÇA CHEGOU A SER LEVADA PARA O HOSPITAL MAS NÃO RESISTIU.//

(SONORA TESTEMUNHA)

(OFF) DE ACORDO COM A POLÍCIA, OITO POLICIAIS ENTRARAM NA FAVELA PARA FAZER UMA RONDA DE ROTINA QUANDO FORAM SURPREENDIDOS POR CERCA DE QUINZE TRAFICANTES QUE SEGUNDO PEEMES TERIAM REAGIDO.// ALÉM DE CLÁUDIA, UM SUSPEITO TAMBÉM MORREU.// COM ELE A POLÍCIA ENCONTROU UMA PISTOLA.// OUTRAS TRES ARMAS , UMA GRANDE QUANTIDADE DE DROGAS E QUATRO RÁDIOS TRANSMISSORES, QUE FORAM DEIXADOS PRA TRÁS PELOS CRIMINOSOS, TAMBÉM FORAM APREENDIDOS PELOS PEEMES.//

(OFF) O MARIDO DE CLÁUDIA QUE É SEGURANÇA DE UM SHOPPING DA REGIÃO, ESTAVA TRABALHANDO QUANDO RECEBEU A NOTÍCIA DA MORTE DA ESPOSA.// ELE DISSE QUE ELA ESTAVA DE FOLGA E TERIA SAIDO DE CASA PARA COMPRAR PÃO QUANDO FOI BALEADA.//

(SONORA MARIDO NÃO HAVIA OPERAÇÃO, NÃO TINHA TIRO. SE TIVESSE ELA NÃO SAIRIA DE CASA. OS POLICIAIS ATIRARAM ATOA...)

(OFF) OS POLICIAIS QUE PARTICIPARAM DA AÇÃO FORAM OUVIDOS NA TARDE DESTE DOMINGO.// OS DOIS PEEMES QUE EFETUARAM OS DISPAROS DISSERAM EM DEPOIMENTO QUE REVIDARAM AO SEREM SURPREENDIDOS PELOS CRIMINOSOS QUE ATIRARAM.//

(PASSAGEM) ALÉM DOS POLICIAIS MILITARES DUAS AMIGAS DA VITIMA TAMBÉM DEVEM SER CHAMADAS PARA DEPOR.// ELAS ESTAVAM COM A AUXILIAR DE LIMPEZA QUANDO TUDO ACONTECEU.//

(OFF) ESTE AMIGO DA FAMÍLIA DA VITIMA DISSE QUE CLÁUDIA DEMOROU PARA SER LEVADA PARA O HOSPITAL ,E QUE SÓ DEPOIS QUE OS CRIMINOSOS FORAM EMBORA A POLÍCIA SOCORREU A AUXILIAR DE ENFERMAGEM.// ELE DISSE AINDA QUE TESTEMUNHAS AFIRMAM QUE O CORPO DE CLÁUDIA FOI ARRASTADO ATÉ A VIATURA.//

(SONORA ELA ESTAVA COM AS PERNAS TODA ESFOLADA... EM CARNE VIVA...)

(OFF) A VITIMA QUE ERA MÃE DE QUATRO FILHOS AINDA TOMAVA CONTA DE QUATRO SOBRINHOS.// O CORPO DE CLÁUDIA SERÁ ENTERRADO NA TARDE DE HOJE, NO CEMITÉRIO DE IRAJÁ.//

(SONORA MARIDO EMOÇÃO)

///

## 7.5 Matérias Posse do Governador

### 7.5.1 Santa Casa – *BandNews*

+ Em ritmo de campanha eleitoral o governador do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezao, fez promessas para a reabertura do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia, em seu primeiro dia como gestor do Estado.// Apesar disso ele não sabe quando o local poderá receber pacientes.

+ O governador afirmou que estuda ajudar a realizar obras na unidade, mas não informou, por exemplo, o valor a ser investido.//

SONORA

+ Pezao vai à Brasília na próxima terça-feira para conversar com a Presidente Dilma Roussef e com o Ministro da Saúde, arthur chioro, sobre a situação do Hospital Geral da Santa Casa.//

+ Funcionando de forma precária desde o descredenciamento do SUS, em 2012, por má prestação de serviços, a Santa Casa foi totalmente interditada em 2013 pela Vigilância Sanitária da Secretaria estadual de Saúde, durante operação de uma equipe da Delegacia do Consumidor.//

+ As enfermarias, consultórios, salas de cirurgia e de esterilização foram consideradas insalubres para o funcionamento.//

+ Em novembro do ano passado, após nova vistoria, técnicos da vigilância liberaram o funcionamento apenas para atendimento clínico em ambulatório e o serviço de radiologia.//

+ A internação de pacientes continua suspensa, por causa das más condições das instalações.//

+ Com mais de 600 leitos, o Hospital Geral da Santa Casa já foi referência no sistema público de saúde.//

### 7.5.2 Pezão Posse – *Jornal do Rio*

(OFF) NO PRIMEIRO DISCURSO COMO GOVERNADOR, LUIZ FERNANDO PEZÃO, DECLAROU SE EMOCIONADO, E DISSE QUE SÉRGIO CABRAL SE TORNOU UM GRANDE IRMÃO.//

(SOBE SOM POSSE)

(OFF) O NOVO GOVERNADOR FALOU UM POUCO SOBRE O INÍCIO DA TRAJETÓRIA POLÍTICA, EM PIRAÍ, NO INTERIOR DO ESTADO DO RIO, APONTOU OS PONTOS POSITIVOS DO GOVERNO DE SERGIO CABRAL E DESTACOU OS INVESTIMENTOS NAS ÁREAS DE SEGURANÇA PÚBLICA E TRANSPORTES.//

(SOBE SOM POSSE FALA UPP, INVESTIMENTO EM METRO, TREM...)

(OFF) NA PORTA DA ALERJ FOI MONTADO UM FORTE ESQUEMA DE SEGURANÇA PARA A SAÍDA DE PEZÃO.// E O TRÁNSITO NO CENTRO FOI AFETADO.//

(PASSAGEM) DEPOIS DE TOMAR POSSE OFICIALMENTE COMO GOVERNADOR NA ALERJ, LUIZ FERNANDO PEZÃO VEIO AQUI PARA O PALÁCIO GUANABARA, EM LARANJEIRAS NA ZONA SUL DO RIO PARA A SOLENIDADE DE TRANSFERÊNCIA DE CARGO COM SÉRGIO CABRAL.// DURANTE O DISCURSO DISSE QUE A PRIMEIRA PROVIDÊNCIA A SER TOMADA A FRENTE DO GOVERNO SERÁ A REABERTURA DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA, QUE FOI FECHADA HÁ CERCA DE SEIS MESES PELA ANVISA.//

(SONORA PEZÃO FALA SANTA CASA)

(OFF) LUIZ FERNANDO PEZÃO SERÁ O CANDIDATO DO PMDB NA ELEIÇÃO PARA O GOVERNO DO RIO EM OUTUBRO DESTES ANOS, E O PARTIDO TAMBÉM ESTUDA LANÇAR SÉRGIO CABRAL AO SENADO OU À CÂMARA DOS DEPUTADOS.//